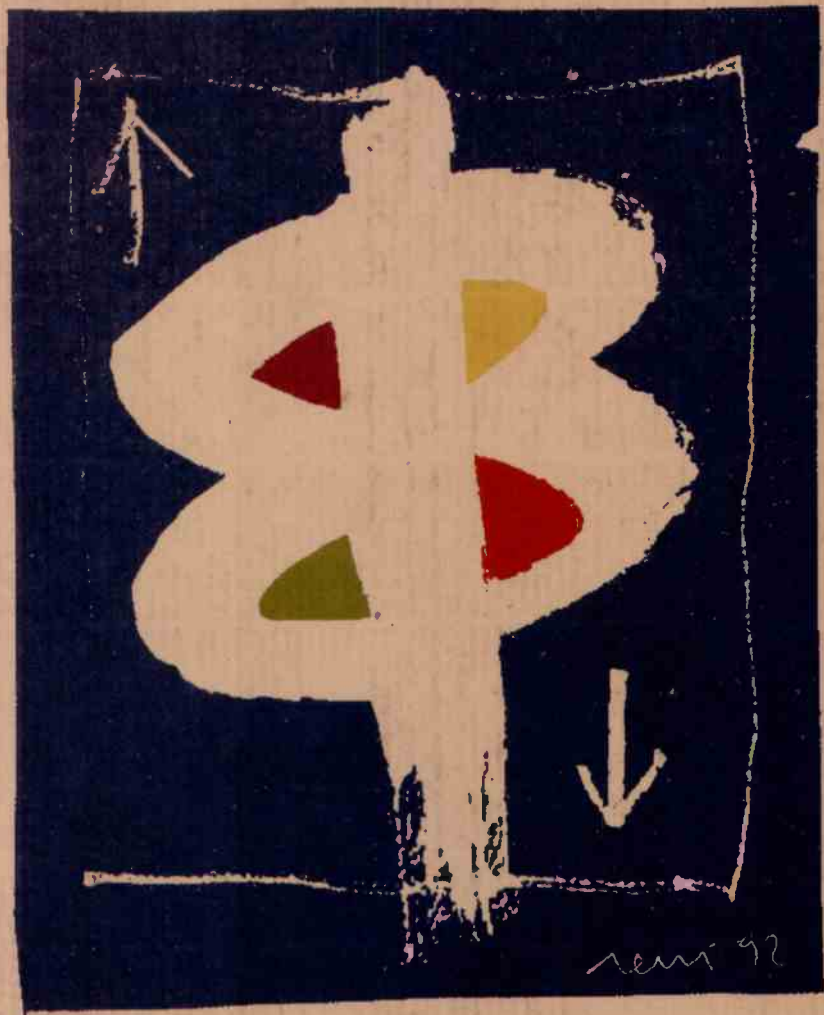


*Barcelona,*



*Borborema*

*Poemas de José Nêumanne Pinto  
Ilustrações de Francesc Petit*

Não é o primeiro poeta nordestino que se deixa seduzir pelos encantos da Catalunha. João Cabral, que já cantara um "campo de Tarragona", a "vila de Cervéra" ou as "cidades do Vallés" em *Paisagem com Figuras*, de 1955, aí comparece, finalmente homenageado neste *Barcelona, Borborema*, no recorte de uns versos, no torneio de certas frases, na ousadia das imagens. Mas o poeta paraibano não regateia nem disfarça a forte emoção que nele desperta, por exemplo, a Barcelona do arquiteto Antoni Gaudí, presença quase feérica na primeira parte do livro, apesar da contenção sugerida pela brevidade dos versos.

Logo de início, Barcelona é definida como "bacante cubista", definição também aplicável ao modo de composição do livro todo: mosaico nervoso, justaposição de peças que vão-se ajustando e se multiplicando, comandadas pelo olho privilegiado do poeta. Olho andarilho. Nêumanne percorre ruas e praças, vilas e monumentos da Catalunha de Gaudí, enquanto a imaginação voa e "leva Barcelona a outras margens,/ as orelhas do mundo". O roteiro é eminentemente estético: nenhum traço autobiográfico, nada de circunstâncias históricas ou de pitoresco geográfico, apesar da riqueza toponímica que serve de baliza a vários poemas.

É Barcelona, em suma, vista pelo

Para Sua futura,  
instalação de melhor  
literatura, em ~~cerca~~  
nave

Neumann  
São Paulo 20/04/2023

313

O SEBO  
CULTURAL

De A a Z todo universo  
para você.

Fone: (83) 3241.1423 / 3222.4438

Home Page:

[www.osebocultural.com](http://www.osebocultural.com)



Barcelona, Borborema

~~Para Guy Joseph  
esta Travessia para de  
seu velho amigo~~

~~Manuê~~

~~Saubs 5/07/2007~~

# BARCELONA, BORBOREMA

Copyright© 1992 by José Nêumanne Pinto

1ª edição - Outubro de 1992 - 1.500 exemplares

2ª edição - Março de 1996 - 1.000 exemplares

Publicador: Luiz Fernando Emediato

Diretor Editorial: Jeferson de Andrade

Planejamento Visual: Maria Teresa Lemos Fontão

Capa e ilustrações: Francesc Petit

Editoração Eletrônica: Eduardo Bueno

Revisão: Alice Duarte

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pinto, José Nêumanne, 1951-  
Barcelona, Borborema / poemas de José Nêumanne  
Pinto, de Borborema ; ilustrações de Francesc Petit,  
de Barcelona. -- São Paulo : Geração Editorial, 1992.

1. Poesia brasileira I. Título

92-2903

CDD-869.915

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira  
869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira  
869.915

Todos os Direitos Reservados

GERAÇÃO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA COMERCIAL LTDA.

R. Cardoso de Almeida, 2188 - São Paulo - Brasil

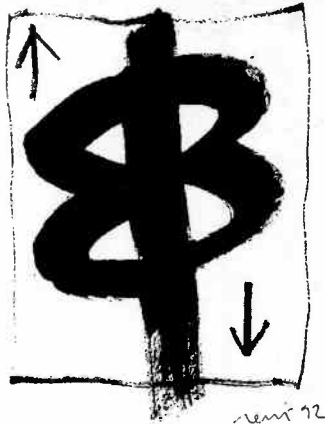
CEP 01251-000 - Tel.: (011) 872-0984 - fax (011) 62-9031

1996

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

*Barcelona,*



*Borborema*

*Poemas de  
José Nêumanne Pinto,  
de Borborema*

*Ilustrações de  
Francesc Petit,  
de Barcelona*

2ª  
edição



GERAÇÃO EDITORIAL





*Barcelona*

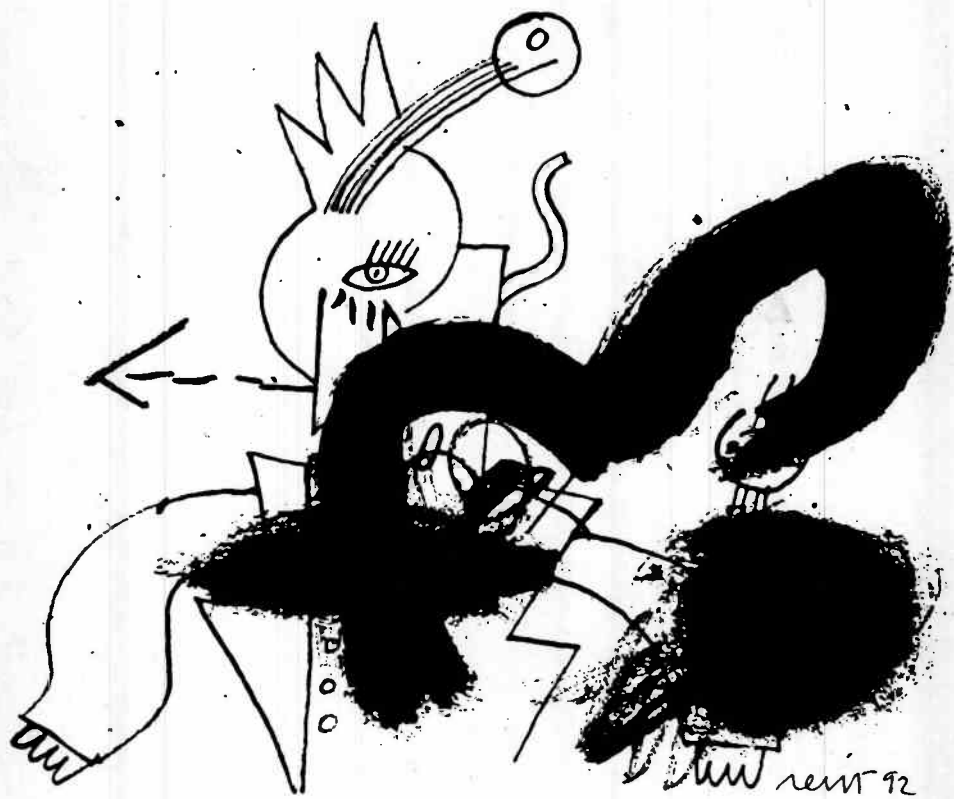


*Em memória de Anchieta,  
o sopro do mundo  
em sua corneta.*

*Saber orientar-se numa cidade  
não significa muito.  
No entanto, perder-se numa cidade,  
como alguém se perde numa floresta,  
requer instrução.*

Walter Benjamin,  
**Tiergarten, Infância em Berlim,  
por volta de 1900**





# I

*Manto de macadame,  
algodão e lã,  
vestido de papel impresso  
(teus gráficos navegam o mundo, Barcelona).  
Filhos de pais desconhecidos,  
irmãos invejosos de José,  
carros feitos em forjas francas.  
Porre de vinho tinto,  
pão embebido em azeite,  
óleo sarraceno fritando  
o templo de Eulália,  
a santa padroeira.  
Alojado o pátio de La Lonja  
sobre cinzas de médicos e juristas;  
a Rua Ampla, um beco estreito,  
interrompe muralhas romanas  
e invade a Idade Média.*

*A rainha de Aragão veste **jeans**  
na Universidade Literaria,  
marcha sobre o sonho genovês,  
elabora químicas  
e sopra vidros;  
reza em Santa Maria del Mar,  
que não fica à beira-mar,  
e peca no molhe de Santa Creu.*

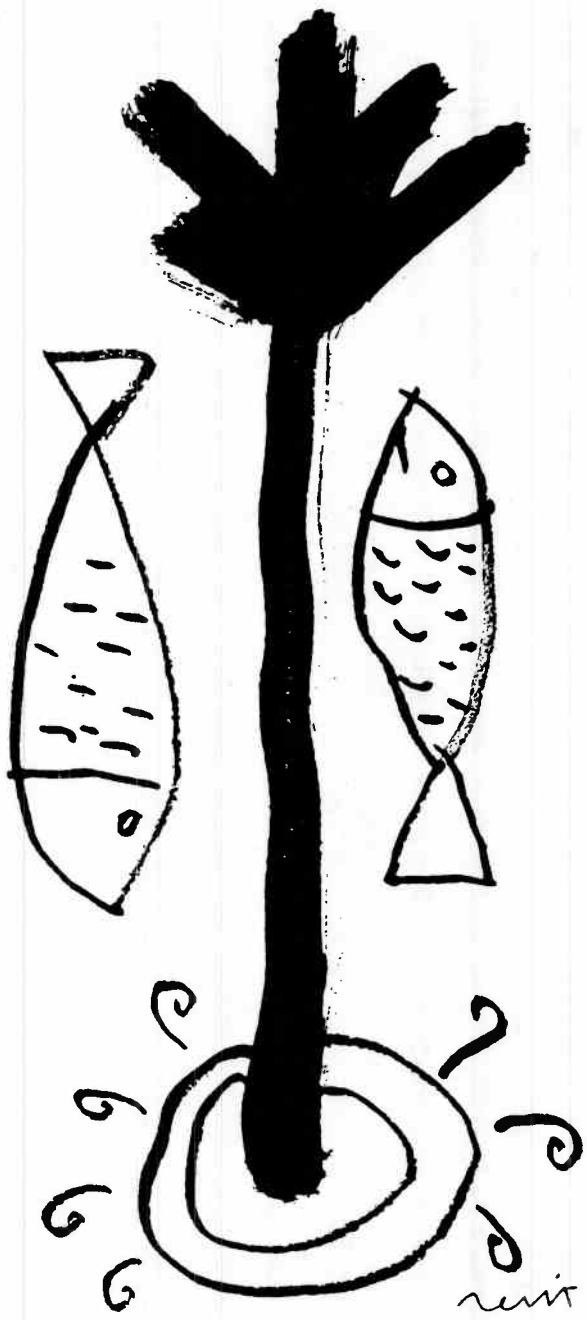
*Amante do Mediterrâneo,  
bacante cubista  
do mundo sentado  
às mesas expostas  
de todas as ramblas.*





## II

*Opróbio da velha beleza,  
entre Besós e Llobregat;  
verões quentes e secos,  
invernos amenos, chuvosos.  
No porto de chumbo,  
palavras à toa flutuam.  
No núcleo fenício de Barcino,  
romana Julia Faventia Augusta Pia,  
os elefantes de Aníbal  
beberam água.  
Na Bardjaluna de mouras veladas,  
velha campeã do milagre  
da multiplicação do ouro,  
a burguesia negocia.  
Em ruas antigas,  
sobre o Taber,  
ainda escorre  
o sangue encarnado  
das memórias de Kibaltchiche,  
o russo sonhador.  
Peões combatem  
no Paseo de la Gracia,  
um tabuleiro de xadrez.  
Entre Hospitalet e San Andres,  
outra revolução de 17,  
que não deu certo,  
em ramblas cortando o pueblo.  
Cordas de guitarra  
ecoam o som do poço,  
opróbio da nova beleza.*



reit 92

### III

*As pedras de Gaudí se movem na cor,  
são ondas, ramblas, rios,  
os muros de Gaudí, palmeiras.*

*Antoni Gaudí planta cal  
e colhe o sol, o céu  
na seara líquida  
do Mediterrâneo.*

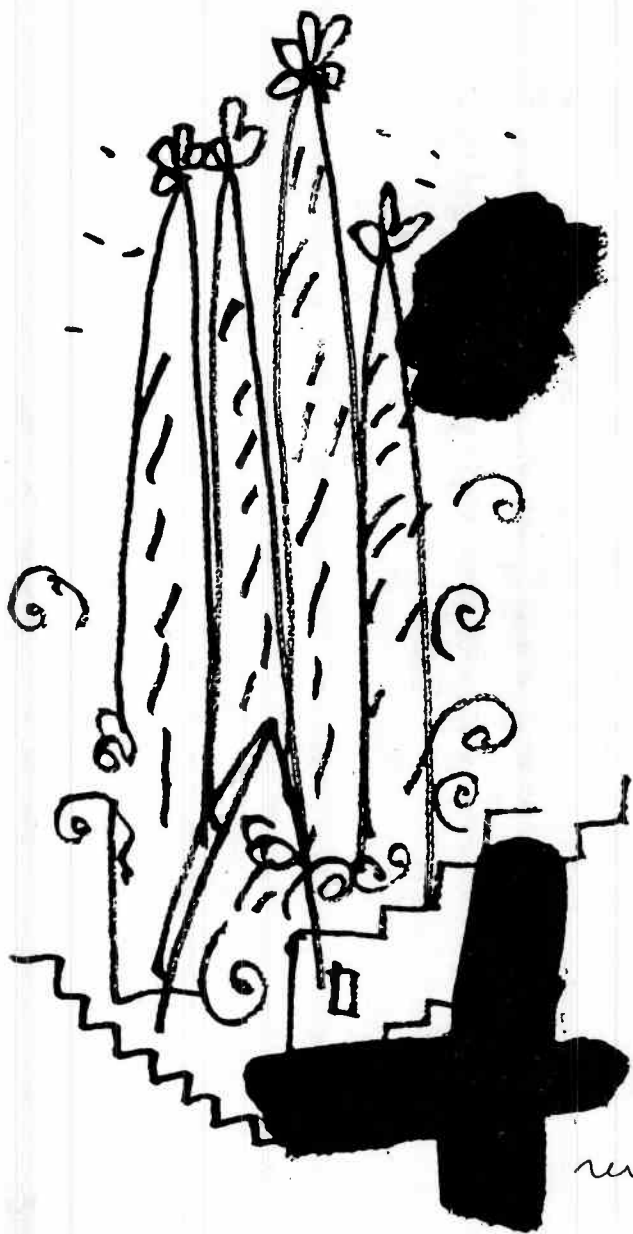
*O arquiteto semeia  
plantas de argamassa  
em pontas de papiro.*

*Dão frutos plenos, sem prumo,  
sons de concreto,  
vida pensa.*

*Os ladrilhos de Gaudí,  
menos que frases,  
são crases provençais.*

*O velho de costas, curvo,  
um risco de carvão  
sobre o branco do papel,  
letras, lascas de luz.*

*Aquém do nada,  
cavernas incompletas  
escavam o céu.*



unit 92

## IV

*O velho caminha, curvo,  
o espaço é sólido.  
O ladrilho brilha, curto,  
o limite é infinito.  
O velho, rosto e barba,  
branco de cal nos cabelos.  
Fora do barco, o banco,  
o rio branco e barranco.  
Barcelonês,  
mais que jamais,  
velho lobo,  
mesmo mar,  
o trilho de Colombo  
no ar.*

*No ferro retorcido,  
a dor, o berro,  
o pranto de guitarras  
em céu implume.  
Pedras de Gaudí  
se movem,  
não morrem.  
Não guardam suspiros  
seus museus,  
mas gargalhadas de sol.  
Não tardam vampiros  
neste cais de plumas.*

*O velho aponta o continente,  
apronta o conteúdo,  
o dedo não se detém  
e desenrola o desafio  
de Ariadne  
nos espinhos do cardo.*

# V

*Ninbo de abelhas,  
trama de almeias,  
almêijoas disformes,  
bordados sólidos  
e fêmeos,  
abóbadas serenas,  
torres imperfeitas.  
A cidade recortada  
nos pastos do mundo,  
tão vasto, tão imundo;  
falta o plânctus, não há cânticos  
no grande cacto  
exposto a olho nu,  
o húmus ferindo  
a íris dos sistemas,  
queimaduras na retina.*

*Sagrada Família, Marx e Gaudí,  
carrilhões perplexos,  
rendilhados solenes,  
história profana  
do suor humano.  
Sacro lar, ara do clã.  
O sacrifício explícito,  
quem há-de?  
Canhões sem cânones de cor,  
degraus em cinturões,  
caracóis de vertigem.  
A mesa ao ar livre,*

*a família exposta,  
grande caverna interminável,  
feita oração.  
Aprisionada, a alma do velho  
entoa salmos.*

*O ruído das correntes  
contra o solo:  
Sísifo na torre.*



# VI

*Numa tarde de Barcelona,  
tarde também na Borborema,  
vertia uma gota de sangue cada poema.  
Naquela tarde em que tudo era noite,  
no Tietê espesso,  
o homem longo viu a água de óleo  
nas agulhas esburacadas da igreja  
interminável.*

*Este templo não fica em Abbey Road,  
mas ali as pegadas nuas de McCartney,  
acolá a calçada verde que Winston Lennon  
cruzou.*

*Este templo,  
entre o jardim de Goethe em Weimar  
e o universo sem rima nem solução  
dos abismos de Minas,  
não cabe em espelhos de prata  
nem se cobre do pano verde dos pampas.  
Lá, entre o sem meio e o sem fim,  
o homem se diz capaz de amar  
o vizinho simples e singular,  
em sua passagem ignorada  
por cidade remota.*

*O pavão do Paraíso  
faz ninho em cumeeiras  
apenas imaginadas.*

*No sono de Gaudí,  
o sonho de José.*

*Em lugar de degraus,  
buracos na torre,  
trem de estrelas para o céu,  
onde Barcelona e Borborema  
brincam de Deus.*

## VII

*Golfadas de sangue,  
parede de pedras,  
retesado,  
o touro de Miró,  
pele esticada sobre a cidade,  
a morte esplêndida e azul  
do touro de Picasso.  
Nave vaga do templo incompleto,  
grande chaga aberta em lombo  
de bicho em fúria.  
Torres imperfeitas, lanças de picador;  
ar, golfadas de sangue que pulsa.  
Vários sangues vãos, várias línguas.  
Cada chaga de nada  
cerca o vazio  
entre muros esguios.  
Jaz o século  
no túmulo sem fim  
do sonho catalão.*

*Depois das seis,  
ainda à luz do sol,  
o velho curvo, turvo,  
passeia entre os muros,  
sobe os degraus em caracol,  
espanta fantasmas de mouros,  
fala de fé  
sem fazer amor.*

*Depois das seis,  
antes da noite,  
um sonho antigo  
empunha a bengala,  
finca os pés de barro na arena  
e leva Barcelona a outras margens,  
as orelhas do mundo.*

## VIII

*Na cave imensa, vinho de Rioja  
(verter sangue de missa,  
que te quero verde).*

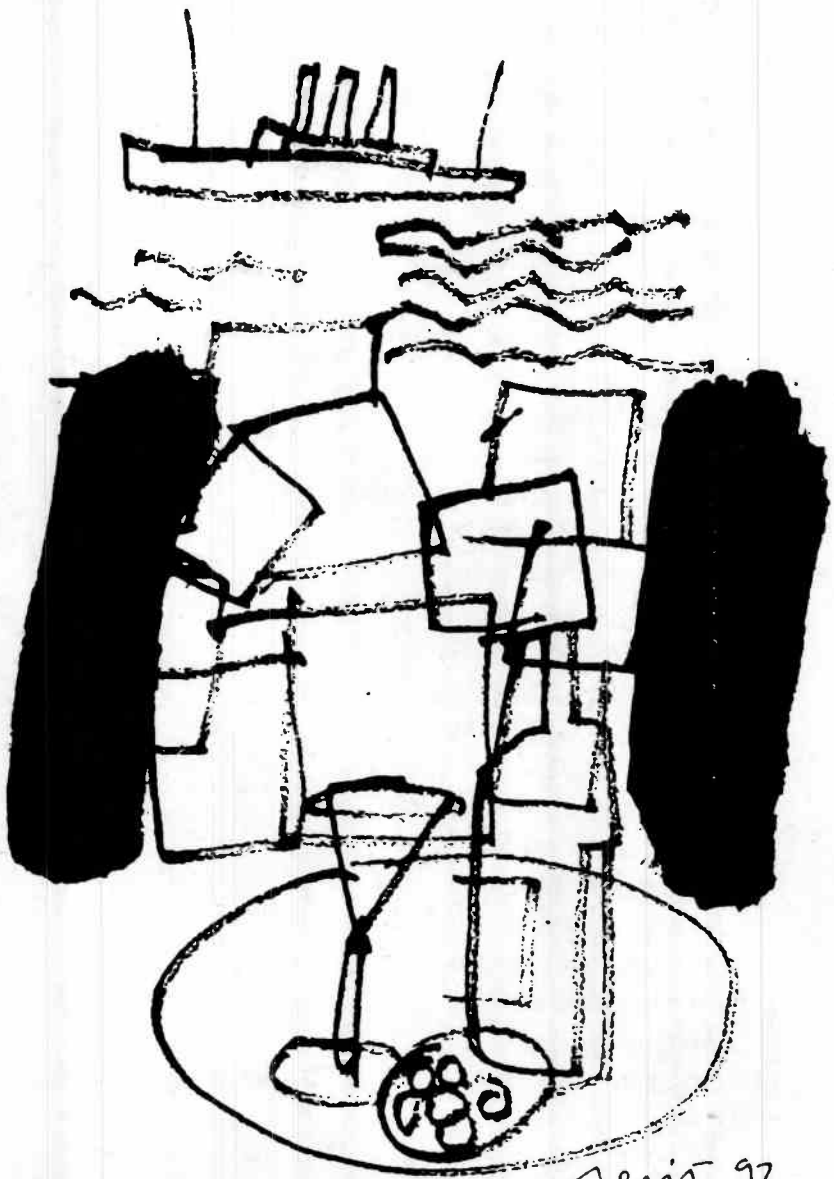
*Na grande garganta de cal,  
amígdalas de pedra  
apontam o céu.*

*Gaudí sobe em suas formas  
suspensas  
ao céu de Barcelona  
(grande curral).*

*A fadiga muscular do século  
no esforço de erguer  
o cesto de pedra e cal  
do velho sementeiro.*

*Escravos da ilusão,  
invadimos esse sonho  
de nave vazia,  
para beber o tinto amargo  
na taça incompleta  
do engenho inacabado.*

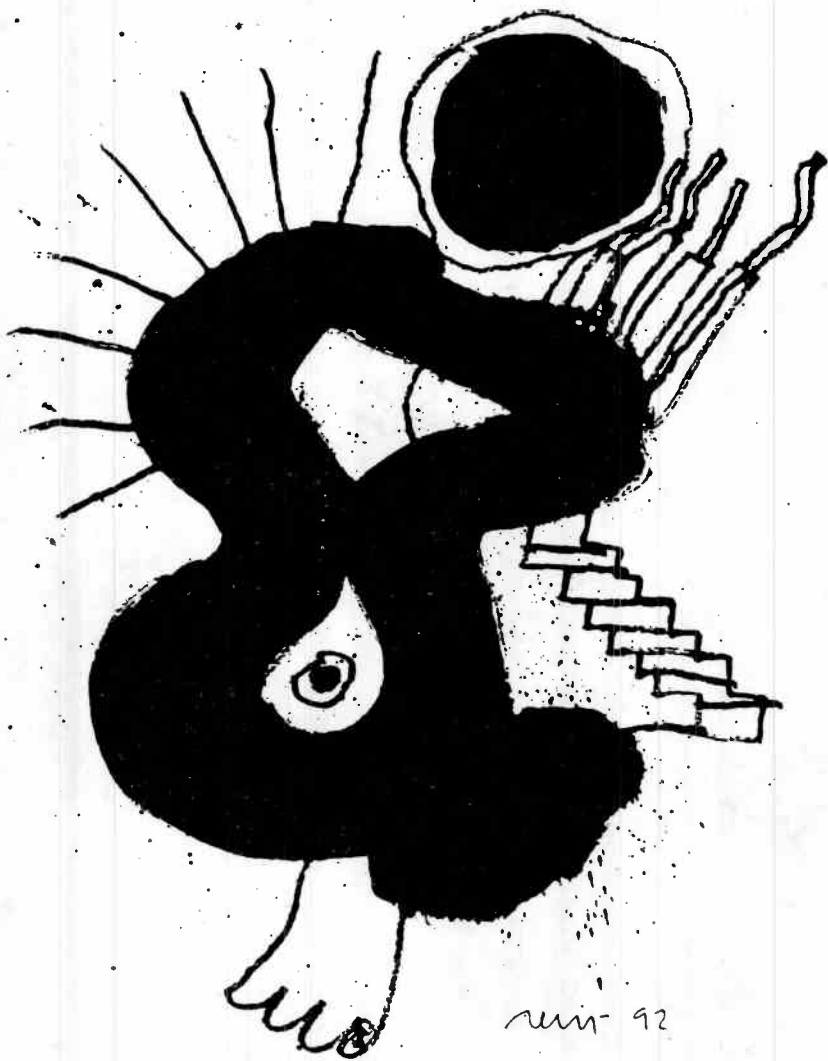
*Somos pardais,  
voando baixo  
no vão intento  
de achar no pó  
da forma imperfeita  
o traço triste:  
sonho de arquiteto.*



reit 92

# IX

*Ao cérebro em pó  
de seus obreiros  
Catalunha devota  
este templo,  
todo o tempo.  
Antoni espalha o pó  
e o esfarela  
em cortes abruptos  
de ângulos de vertigem.  
No deserto de nave  
da vaga cave,  
o mundo se volta  
para beber  
e entorna o cálice  
cheio de rum,  
trazido de volta,  
dos porões  
das caravelas de Colombo.*





# X

*Na ponta da torre, Benares,  
no meio da rosácea, Buenos Aires.  
A Biblioteca de Alexandria  
cruza o Mediterrâneo  
nos longos remos  
da Sagrada Família de Gaudí.  
Alexandria, cansada,  
acompanha os passos  
das longas pernas inconclusas.  
Estação e porto,  
a cidade de Barcelona  
passa a nos seguir.  
O burgo, que o Magno fundou,  
descansa na areia da praia,  
sob o céu de Braudel,  
e se deita, à espera.  
Depois, segue viagem,  
com Colombo e Lorca,  
a Manhattan e ao Bronx,  
queimando retinas nas caldeiras.  
Alíseos movem a vela solta,  
o mastro, maestro Gaudí o desenhou  
(bandeira imóvel ao vento do Nilo).  
Na popa, mouros e russos,  
na proa, fenícios e romanos.  
Entre o mar e Barcelona,  
o rochedo de rendas,  
dardo de vime  
lançado contra Deus.*

*Longas pernas soberbas  
embarcam Barcelona  
- cidade clandestina,  
descascando batatas  
no porão católico da caravela,  
ao ritmo dos remos  
destas torres.*

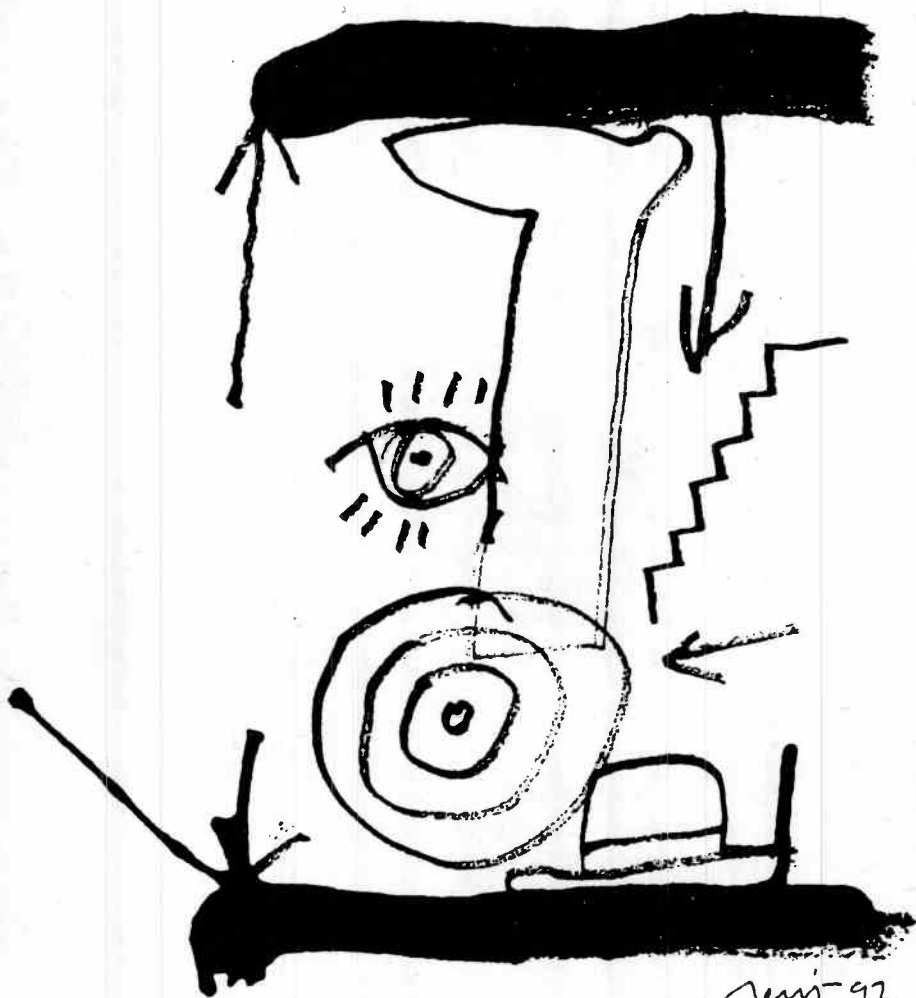
# XI

*Certa noite,  
uma noite como esta,  
Gaudí visitou a Sagrada Família.  
Saltou da carruagem,  
birto e grave,  
sacudiu o pó das polainas, parou.*

*Uma lua de Barcelona apitou no cais,  
espalhando um som pálido,  
seu filete de fósforo,  
pelo pórtico do Nascimento.  
Parou na pedra a sombra caprichosa  
do casario branco de Moguer,  
o pueblo andaluz de Huelva,  
plantado em cerro factício,  
desigual e catalão.  
No adro convexo do templo,  
a lua desenhou pátios  
côncavos de Palermo Chico  
em mi Buenos Aires querido.*

*Na noite catalã,  
a lua semeou  
flores do Bois de Boulogne,  
lama viscosa da Lombard Street  
(onde banqueiros londrinos se divertem),  
pernas finas de mesas redondas  
do Café de la Paix, em Paris.*

*Defronte do pórtico da Paixão,  
o velho curvo ficou só  
com a gorda lua de Barcelona.*



reini-92

## XII

*Certa manhã,  
uma manhã assim,  
Gaudí visita o templo.*

*Sua bengala aponta o céu  
e o sal embaça as lentes  
do arquiteto  
ou o vidro da vigia do vapor  
que levou Alvaro de Campos a visitar Lisboa.  
Dom Antoni ali,  
um naco só de Gaudí,  
um sonho de si  
de alguém de fora de si.*

*Caldeiradas no vale do Montjuïc,  
onde o arquiteto  
espera soar a campainha  
e a visita de antigos amigos,  
os velhos veios da infância.*

*Gaudí pára. Paira.  
O vôo de Altazor,  
de heraldos negros,  
na feição incompleta  
sobre a compleição do campanário.  
Na torre sem galo,  
sonhos humanos compõem cidades.*

*A nave sem teto,  
o palimpsesto,  
pousa (o inseto)  
no fio tesó, a batuta,  
a lâmina fria da espada,  
a ponta do compasso,  
a cortina da eterna oficina  
de mestre Antoni Gaudí.*

## XIII

*As abóbadas da Sagrada Família,  
como o templo,  
nunca têm fim.  
Alongam-se como as lanças do Cid  
e conduzem as cores de seus estandartes,  
na guerra contra invasores,  
que arrombaram a porta do mar.  
O capitão enfrentou os mouros,  
o catalão se armou contra o céu.  
Pois estas abóbadas ferem  
a ordem normal das coisas, anômalas  
superfícies  
de formas ondulantes,  
imitando o mar de Cartago.*

*As abóbadas de Gaudí  
se movem, graciosas,  
como Hebe, a Cariátide,  
deixando a cena central,  
no Partenon.  
Repetem, no ar, o movimento,  
feito pela pedra,  
tornada coxa de Hebe:  
movimento indecifrável,  
para a frente e para o alto,  
que um velho desenhou.*

*Não há, de fato, abóbadas em Gaudí,  
apenas espelhos  
de refletir  
o sol de Barcelona  
e o mar dos fenícios.*



rem-92



## XIV

*Estas torres de pedra  
são gotas de chuva,  
as uvas gastas  
que o sal secou  
(como o sol enxuga  
os grãos de café  
no terreiro da data  
de seu Juca Cintra,  
perto de Avaré).*

*Estes torrões são  
a chuva que o chão eleva  
ao céu de Barcelona,  
céu azul de Gaudí,  
céu rubro na Borborema.  
Suas gotas de arte,  
suco mascavo  
de uvas cinzentas  
plantadas no espaço,  
arranham o ar catalão.*

*Na solidão de as tramar,  
a oração do arquiteto pio,  
que as completa  
no absurdo vazio  
do adro claro.*



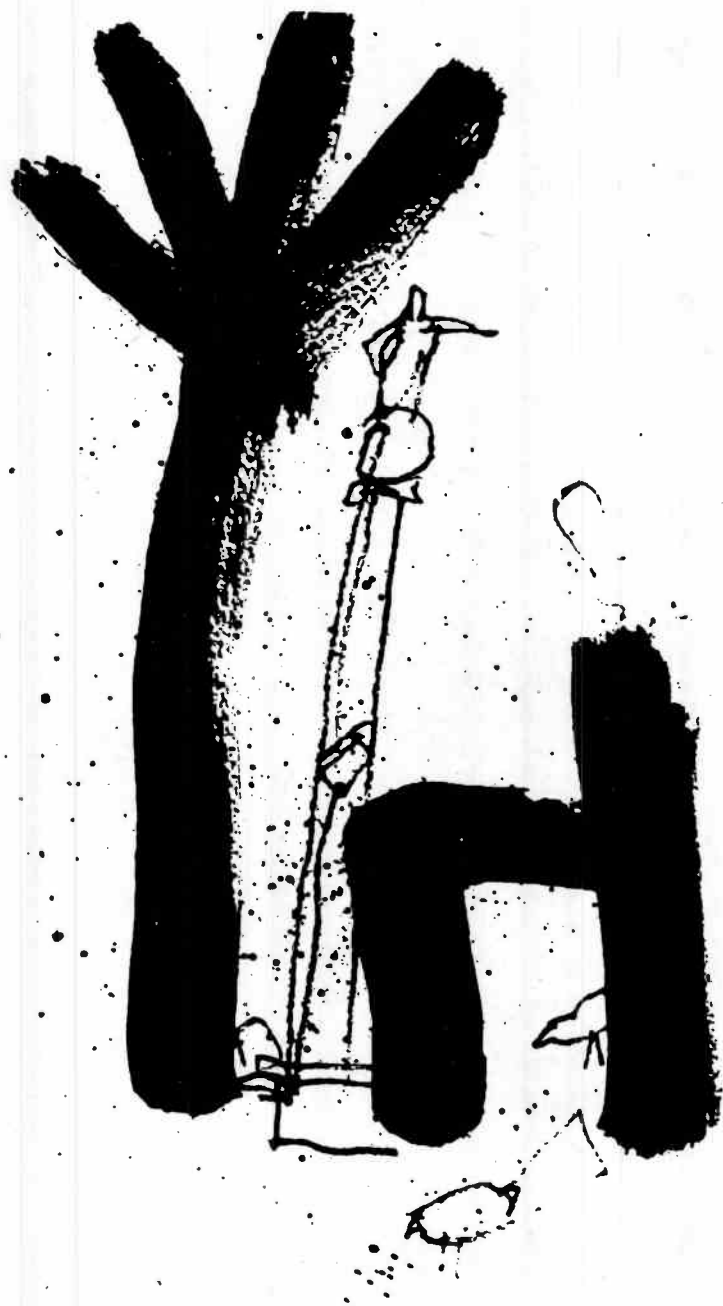
rent 92

## XV

*Por que tudo haveria de ser tão simples?  
Por que colunas retas e explícitas,  
se é possível incliná-las?  
Pode-se multiplicar Pisa  
ao reduzi-la;  
e reproduzir a Torre de Babel  
à espera.  
A história consagra o efêmero.  
Como é complexo o mero!  
Mas não se há de ser severo;  
permita-se, também, o rebuscado.  
Que se misture ao vão mistério  
o milagre do belo, nem sempre magro.*

*Ali gotas de gótico,  
aqui cacos barrocos,  
além fugas de Bach  
nos tubos de um órgão.  
Olhos na bandeja  
sob a navalha  
do perro andaluz.  
Estas paredes ouvem  
o grito da plebe, exausta  
do excesso de aço em perfis  
e do vício do vidro repetido.*

*Ouve este brado do templo vesgo,  
berança de todo bastardo.*



# XVI

*Quanto custa  
a arquitetura vegetal  
semeada no sonho?  
Quanto se paga  
pelo devaneio?  
Que esmola pôr à mão  
do velho corvo,  
que abre as asas,  
quando o avião  
cruza o vão  
entre dois espetos  
que ele fincou?  
O velho corvo grita  
contra o céu  
e estende a mão  
à insone ilusão,  
que lhe cabe.*

*Que esmola lhe dar?  
Os calos na pele das mãos  
de seus obreiros,  
os cérebros endoidecidos  
de seus mestres de obra  
ou as retinas escancaradas  
do mundo a seus pés?*

*O bonde-emoção  
o atropela e mata,  
mas, vivo, o desejo sem trilho*

*de homens comuns,  
que o amam,  
mantém o castelo de pé,  
o templo da expiação,  
o tempo na contramão,  
profanos desvarios da paixão.*

## XVII

*Roca abrupta  
que um tecelão tramou,  
domina esta cidade  
com teus fios visíveis,  
tuas agudas agulhas  
e as lágrimas angulosas  
das plantas tenazes  
que se agarram a teus poros.*

*Roca abrupta de tecelão,  
livra esta cidade  
da prisão gris  
em que a montanha a encerra,  
estende o horizonte,  
que o oceano barra,  
e tece tua luz  
no pano roto  
com que os tiranos  
amordaçaram a boca  
de teus filhos desvairados.*

*Velho arquiteto inquieto,  
sacode o pó da calmaria  
dos teus mares de pedra,  
arranca de tua voz  
o grito grato do povo.  
Aqui onde jaz teu corpo,  
sobre o trilho,  
faz teu canto*

*com o estribilho tonto  
do livre arbitrio  
do indivíduo indivisível  
e do direito de cada um,  
sendo só si mesmo,  
conter todos,  
para nada nem ninguém  
poder conter.*



# XVIII

*Daqui a tantos séculos  
quantos conheçam  
esta suntuosa luz solar  
que banha as avenidas,  
teu sangue escorrerá  
por estas torres,  
pelas luzes e pelos fogos  
que queimam a cidade  
esplêndida.*

*Olha esta cidade, artista velho,  
ouve seus carros e seus bondes,  
ela será tua ópera.*

*Teu sangue de argamassa  
descerá ramblas em rios,  
num crepúsculo semelhante  
àqueles que viram  
surgir tua força.*

*Teu sangue se mesclará  
ao sangue de teus irmãos  
da Praça Catalunha  
até a estátua de Colombo,  
no cais.*

*Homens diferentes,  
por isso iguais a nós,  
comporão a argila  
de tuas paredes  
e ouvirão as conchas surdas  
de teus planos pés:*

*os passos de Francisco Ferrer,  
fuzilado por ordem de Maura  
e autorização de Afonso XIII;  
os rastros de Kibaltchiche  
que logrou fugir do homem de aço;  
as pegadas de Felipe González,  
tomando manzanilla  
na tasca de don José,  
o cabo enfeitado pela cigana.*

*Toma esta cidade,  
don Antoni Gaudí i Cornet,  
e expia os pecados do mundo  
com os óbulos que depões  
em tuas pranchetas  
de ilusão e delírio.*

# XIX

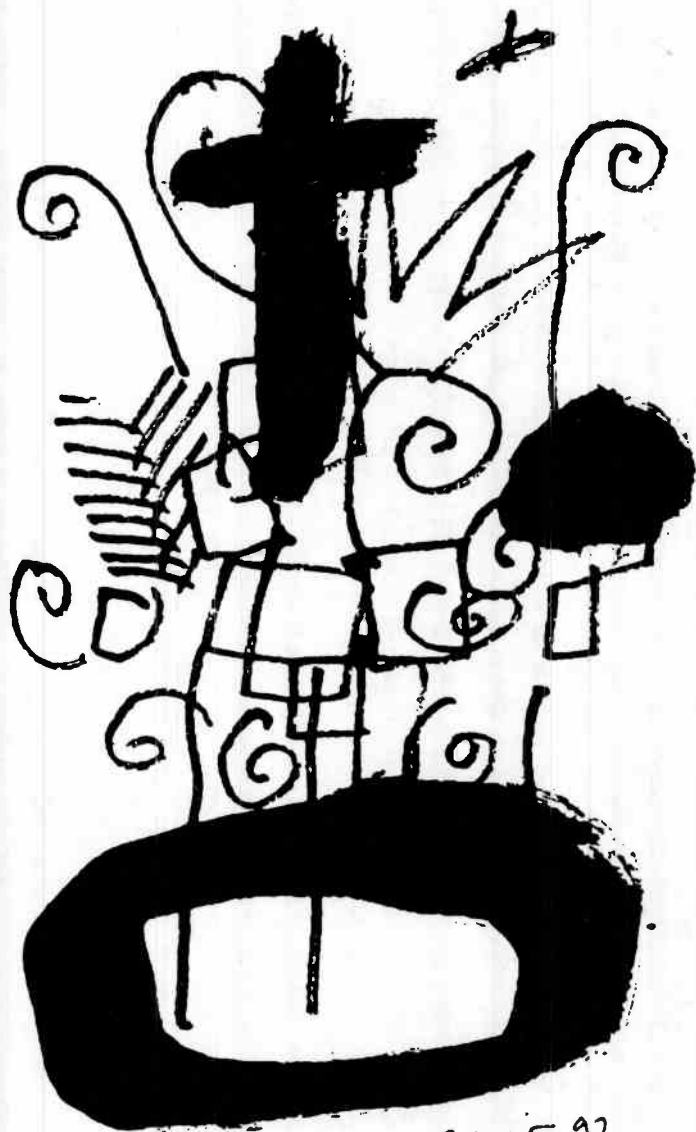
*Eu, Güell, conde e parque,  
só venero o que perece:*

*o cheiro,  
o charme,  
a chama.*

*Mineralizo o orgânico  
(pedras, calos  
na paisagem morta),  
o que há de fenecer:  
o sapo de ladrilhos,  
o trapo de trilhos,  
a flor curva,  
tomando, no tranco,  
a forma de banco.*

*Peço a pele das pedras,  
seus flácidos flagelos,  
dentes cariados  
na boca do cerro,  
podres poderes da beleza.  
Estes olhos condes,  
que me comem, parque,  
são vermes,  
germes que ferem  
o solo.*

*Eu, Güell, aqui me encerro  
e enterro  
meu rosto submerso de Ramsés  
na areia líquida do Mediterrâneo.*



reit 92

## XX

*Deste chão pedras nascem,  
impulso mortal.  
Neste vão, pedras morrem,  
solitárias e planas.  
Em coisas sem vida,  
que nunca morrem,  
respiram paixões ancestrais  
da Catalunha sem fim.  
É irregular a superfície  
dos caprichos  
tecidos por catalão.*

*Vida, paixão e morte de Güell,  
imortal de Gaudí,  
mantido podre  
no borralho-gelo  
deste solo fértil.*

*O bafo deste parque  
sabe a súbito beijo  
roubado.*



## XXI

*O Cristo de Gaudí  
vive no cerro de Montjuïc,  
veste camisa azul-grená,  
torce no estádio de Sarriá.*

*O Cristo de Gaudí  
faz ninho mudo  
de amor ferido;  
reparte o mosto das romãs  
no parque de diversões  
do alto do Tibidabo;  
compra ostras frescas  
na Boquería,  
arrumadas com jeito  
de pintura antiga.*

*O Cristo de Gaudí  
– como no verso de Catulo –  
conta o número de grãos  
das areias da África  
e as estrelas do céu.*

*O Cristo de Gaudí  
prefere ser pregado  
em cruzes de pedra,  
de quatro braços  
e quatro lados,  
a ser reconhecido na rua.*

*Mas o Cristo de Gaudí  
não morre nunca,  
vive no deserto,  
com seus longos  
pêlos selvagens  
e come frutas frescas  
na bodega de seu pai,  
José,  
enquanto na fogueira  
da vaidade humana,  
forjam-se os ferros  
da Casa Milá.*



## XXII

*Nos templos de Gaudí  
não se queima incenso,  
lá são só vertigens,  
sombras sem cor  
das vozes do mundo.*

*Os tambores de Gaudí  
são ecos do deserto,  
mas nunca soam em unísono  
no passo imperfeito  
do coração cigano.*

*Nas naves sem fim  
de suas igrejas  
reverberam árias  
de todas as óperas.  
Um belo dia, as veremos,  
sempre livres...  
Vitrais inexistentes  
de cor incerta e não sabida  
viajam no coral cristalino  
dos escravos da Babilônia  
no jardim dos acordes suspensos.*

*Os compassos de Gaudí,  
sustentados em ré,  
não repetem o ritmo  
de marcha batida  
dos arquitetos sem ilusões.  
São frases de oboé*

*desenhando o vôo sem asa  
da ave ferida,  
o assum cego  
do canto de dor.*

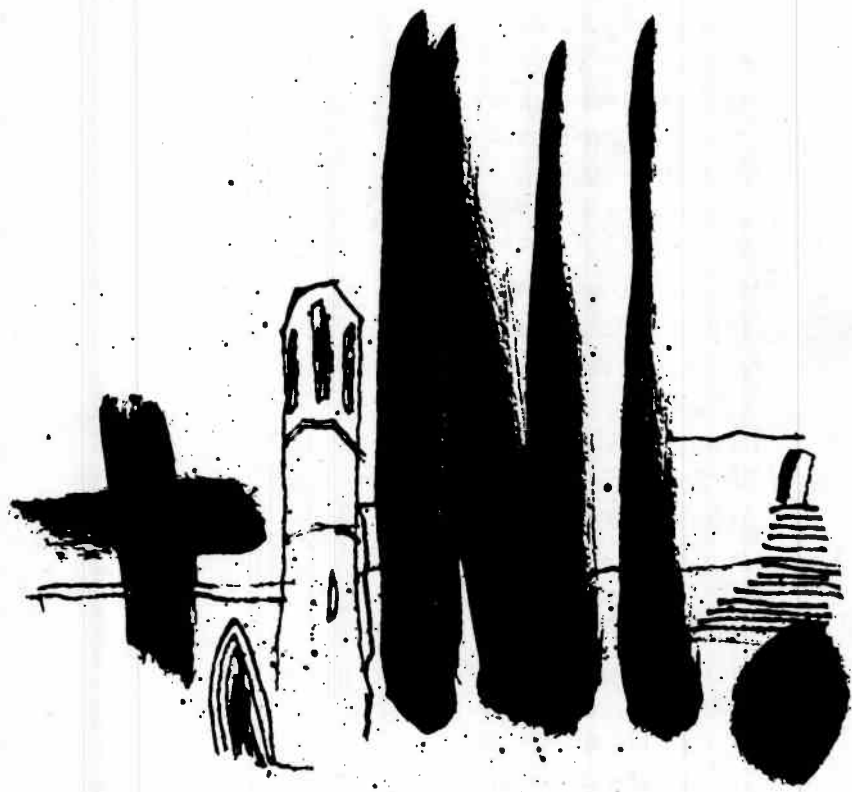
*Os solos de Gaudí  
são catedrais imensas,  
templos de priscas datas,  
registradas por letras romanas  
nos balcões de pedra da cidade,  
onde o nume do amor em serenata  
canta a aleluia virginal da fê  
do maestro Antoni Gaudí i Cornet.*

## XXIII

*A estreita Rua Ampla,  
tem casas geminadas,  
lares com sacadas,  
flores nas janelas  
e roupas de cor  
suspensas no varal,  
ao vento que sopra  
do mar africano,  
que Gaudí não desenhou.*

*Na Rua Ampla, número 7,  
veio à treva Ramón,  
mercador da pública caridade,  
que, em tarde descortês,  
cruzou a soleira  
da Rua Viena, 19,  
sob o Sol mexicano,  
oculto na cinza  
da então ainda não  
maior cidade do planeta.*

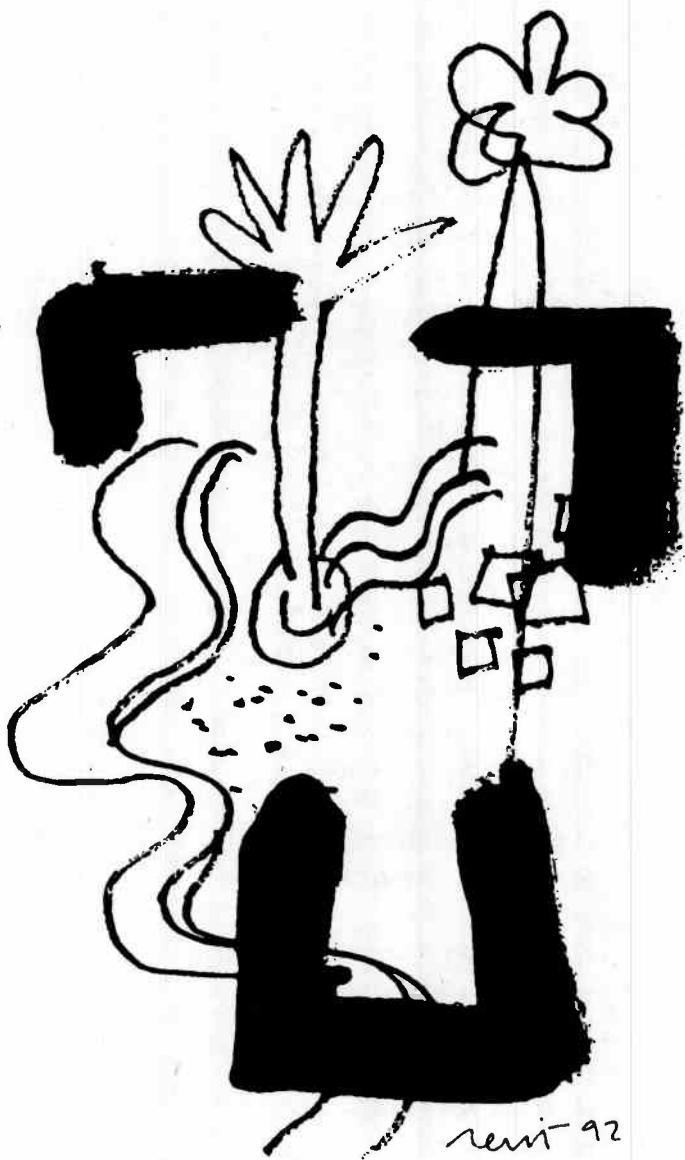
*Não terá o catalão  
desenhado a fortaleza,  
onde o encarcerado  
alimentava coelhos  
com uma mão de plantar palavras  
e outra de reger delírios.  
Mas a Ramón, de Pablo,  
caído no mesmo cais,*



*coube, em Coyoacán,  
abrir caminho, a pá,  
na cabeça,  
mais pesada que comum,  
do leão de Judá.  
Colombo inverso,  
a mão do georgiano,  
o outro,  
cruzou o mar  
e usou o aço  
em golpe certo:  
brotou a flor do sangue  
no jardim das cãs.*

*Na Rua Ampla de Barcelona,  
não há sinal de Gaudí  
nem fiapos de algodão  
da Rua Grande da Borborema.  
Gaudí não sonhou  
com a casa número 7  
nem com as grades mentais  
do prisioneiro da morte.*

*Gaudí não desenhou punhais  
nem tramou cadeias.  
Apenas traçou, na rocha,  
o plano de vôo  
de pássaros perdidos  
na vastidão.*



revit 92

## XXIV

*Gaudí não desenhou  
casas de morar,  
paredes de esconder,  
janelas de fechar.*

*Seus muros são  
lágrimas de barro,  
pétalas de pedra,  
pássaros de cal.*

*Arquitetura, sim,  
não de esconder,  
mas de mostrar:  
pontes de cruzar,  
gestos de soltar,  
o de fora da gaiola,  
o de cima do porão.*

*Em seus templos,  
dançam deuses pagãos,  
desses que moram no mato  
e se escondem no chão.*

*Seus prédios brotam do solo,  
como plantas,  
e buscam o espaço  
em freqüente oração.  
Têm rabos de sereia,  
asas de brisa,  
raízes no mar  
(o mar que Maria canta).*

*São algas no lodo,  
pele de mulher,  
a cinza dos séculos,  
a cobra no pó.*



## XXV

*Quebrar bem cada ladrilho,  
sobretudo os de cor mais forte.  
Como confetes imprevistos,  
atirá-los ao acaso;  
fazê-los espalhar-se ao léu,  
sem plano algum.  
Depois, pregá-los à cal do muro,  
como se salpicam estrelas no céu.  
Ou seja, ordená-los  
na desordem do belo.*

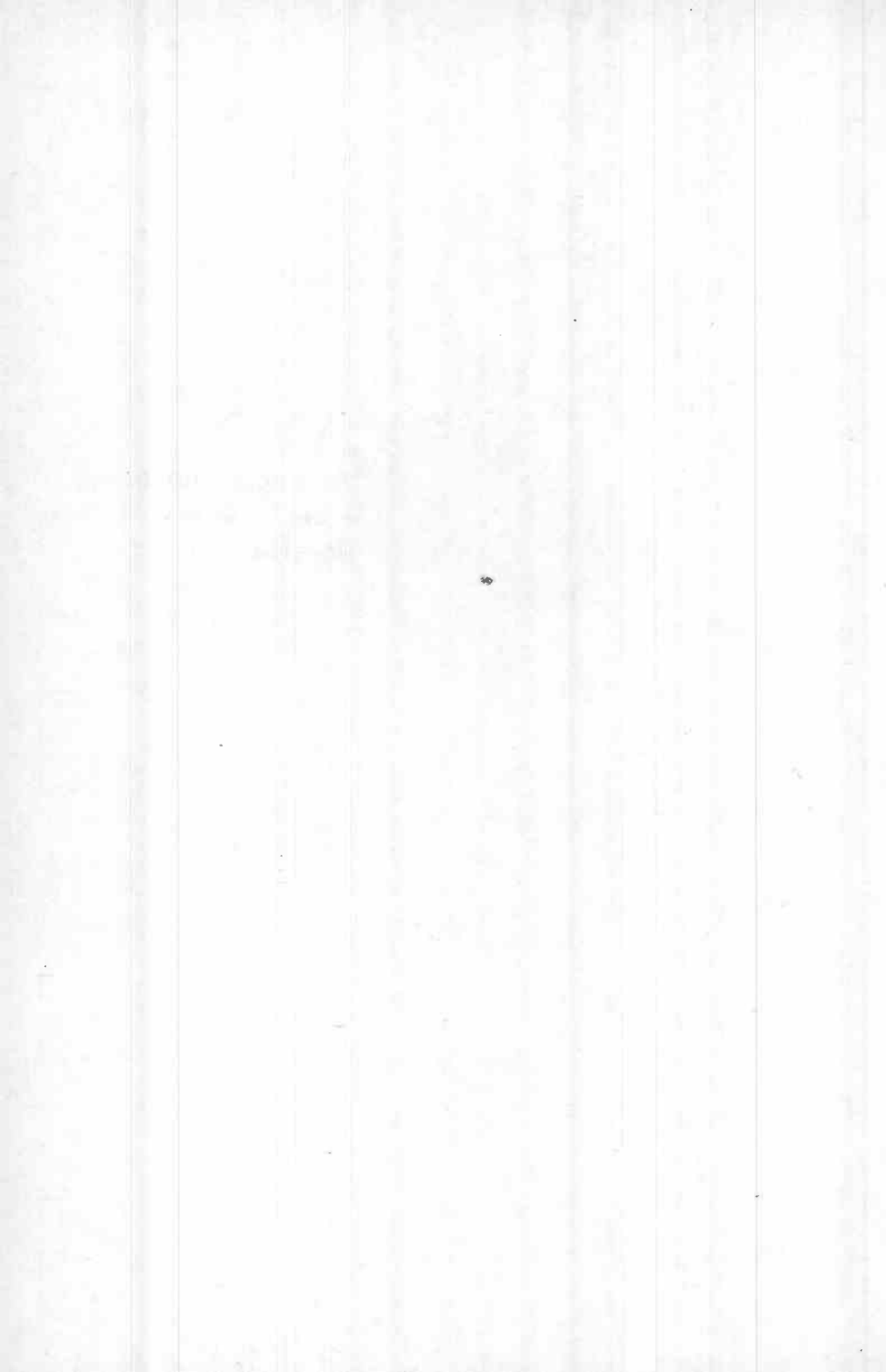
*Assim faz Antônio,  
pedreiro anônimo,  
arquiteto bárbaro  
da Borborema,  
ao ornar fachadas  
de subúrbio,  
no Rio de Janeiro.  
Assim fez Antoni,  
arquiteto eterno,  
ao visitar, de madrugada,  
o banco-rio  
do Parque Güell,  
a meio caminho  
entre Los Caidos e o Coliseu.*



9



*Para dona Mundica  
a mestra do gosto  
que fica*



*Todas as coisas caem e são construídas de novo,  
E aqueles que as constroem de novo são felizes.*

*W. B. Yeats, "Lápis-Lazúli",  
**Últimos Poemas***



rust 92



*Se Antoni Gaudí paralisa  
dança em pedra,  
António Gades se move  
na arquitetura gestual  
de mãos e pés.  
Gaudí congela o movimento  
para atravessar o tempo;  
Gades ocupa o espaço  
com a redundância da imobilidade.*

*O traço de Gaudí  
engaiola o vôo  
e solta o pássaro.  
O passo de Gades  
imobiliza o projeto  
e evita o acaso.  
Quando pensa parques,  
Gaudí baila  
ao ritmo desigual  
da beleza esparsa.  
Ao balançar o corpo,  
Gades concentra  
o plano nos detalhes  
dos músculos tensos.*

*O palco de Gaudí  
é a Sagrada Família,  
de cujas torres longas  
ergue a voz*

*e o limo da terra  
rumo ao céu.  
Os prédios de Gades  
têm tijolos de gestos,  
janelas de saltos,  
portas de piruetas,  
jeito de o acrobata  
ser grato a Deus.*

*Borborema*

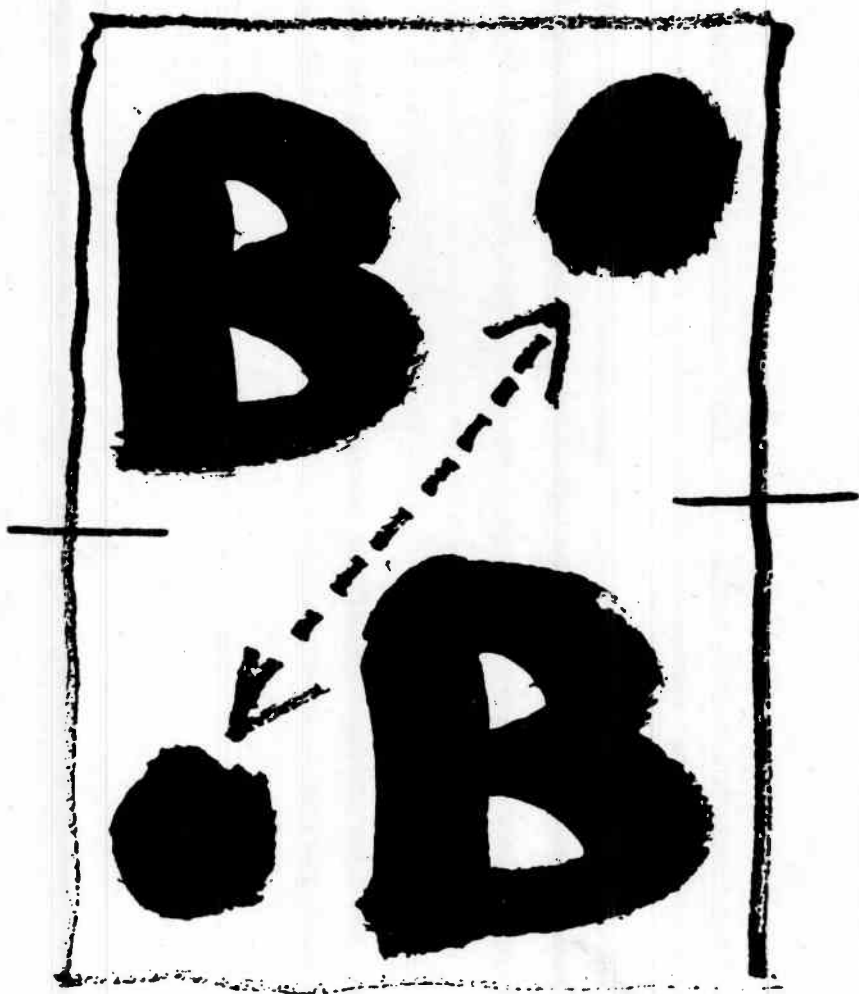


*Para Regina,  
a melhor rima  
de Campina.*



*Não! Jesus não morreu! Vive na serra  
Da Borborema, no ar de minha terra.*

*Augusto dos Anjos,  
"Poema Negro", **Eu***



revit 92

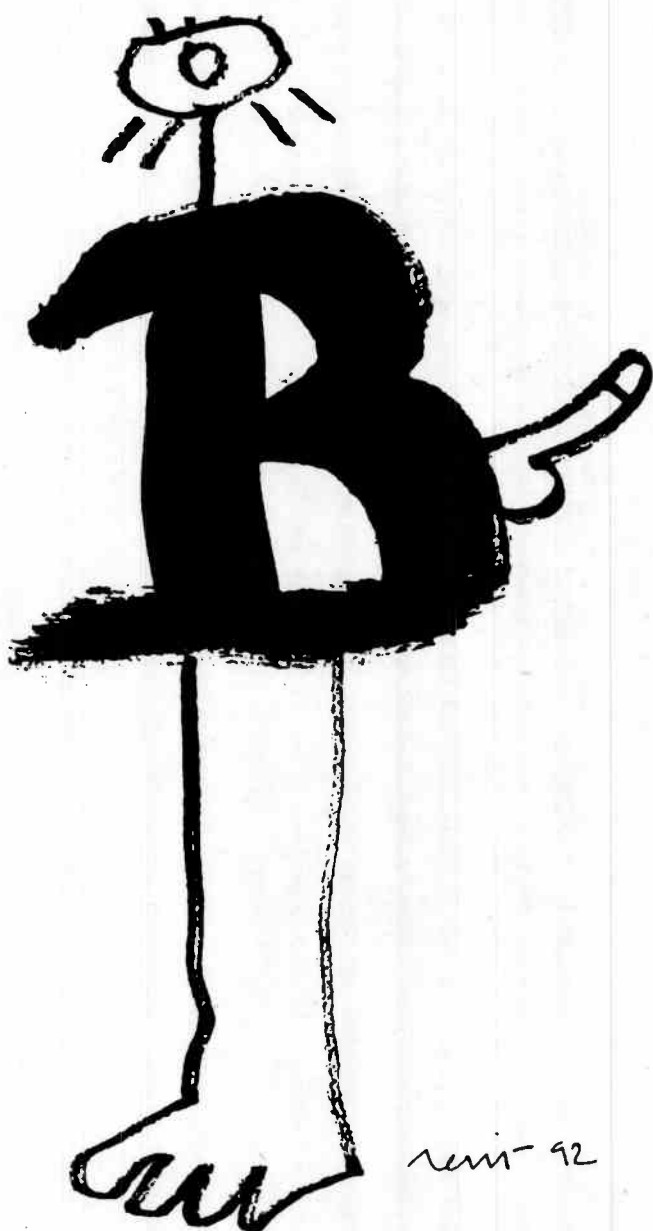


# 1

*Os bailarinos da Borborema  
podem dizer,  
como Antônio Gades,  
que dançam para viver.  
A diferença é que  
da dança não tiram o pão,  
só o circo.*

*Quando o mago de Alicante  
pisa as tábuas do tablado,  
colhe o aplauso grato  
das platéias do mundo.  
Os bailarinos da Borborema  
bailam a troco de nada,  
a não ser uns olhares  
de inveja e ingratidão.*

*Como Gades, o cigano,  
eles sabem que  
os homens não podem existir,  
se não forem livres,  
disponíveis para o sonho  
e a amplidão da ignorância.*



revi-92

## 2

*Os casais de Campina Grande  
são dervixes giratórios  
da ordem de Rumin,  
quando dançam a lambada  
à luz dos fogos do São João.  
Dão voltas pela sala  
como a equilibrista  
passeia no arame:  
requebro evita risco,  
chamego puxa paixão.*

*Os pares de Campina Grande  
não bailam por prazer  
nem por obrigação:  
fazem amor em público,  
jogo constante  
entre alívio e tensão.  
Obedientes à gravitação,  
mas infiéis à gravidade,  
como monges ou toureiros,  
guardam pureza na alma  
e limpo o coração.  
Todos, seguindo o santo,  
reivindicam  
o direito humano  
ao suor inútil.*

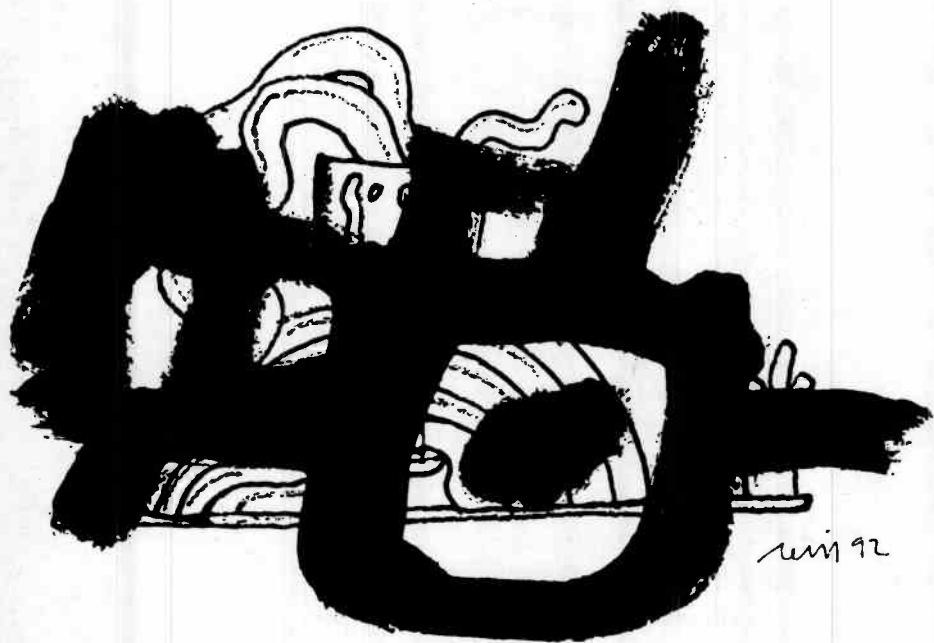
*Nas salas de Campina Grande  
e nas mesquitas de Kônia,  
terra de Rumin,  
funciona o sem função,  
o prazer de não pensar  
nada, salvo girar sem parar  
para dançar o baião.*

### 3

*Os passos da lambada,  
velho subindo escada,  
têm arabescos,  
detalhes de desenho,  
similares aos gradis de Gaudí,  
retorcidos de surpresas.*

*Os pés dos dançarinos  
de Campina Grande  
têm perícias de mãos  
de joalheiro suíço  
ou dos miniaturistas  
que constroem caravelas  
dentro de garrafas.  
Apesar da malícia  
do balé bailado  
olho no olho,  
no brilho do dente,  
são passos precisos,  
de matemática fria,  
sob o comando do coração,  
casa de máquinas do ritmo,  
sempre igual,  
mas torto também.*

*Passos de lambada:  
golpes de ilusão  
na insustentável harmonia  
do sim e do não.*



# 4

*Forró do futuro:  
da vida só dar valor  
ao que restar escrito;  
lazer, só depois  
do suor abundante;  
prazer, só se for  
cúmplice da dor.  
Da morte, estar atento  
ao que dela escape  
ou a esta fuga impossível.  
No ofício, utilizar  
o que, depois, repouse;  
perceber no sofrimento  
o comparsa da alegria.*

*Nada é mesquinho,  
se um verso pode cantar.  
Nada é magnífico,  
onde cabe uma palavra,  
ao abrigo de convenções.*

*Forró do futuro:  
dança imponderável do ser,  
que atravessa o outro,  
infidelidade absoluta  
às leis da Física;  
a única possível*

*transusão da carne  
no xote puladinho;  
sagração efêmera,  
bênção profana  
do sangue dissoluto,  
presa da veia.*



# 5

*Se a Terra for mesmo  
um grande organismo,  
deve ter sua dança:  
o ritmo dos vulcões,  
o movimento dos mares,  
o fluxo dos rios  
e a vegetal tendência  
no rumo do céu.  
Mas sem perder,  
por impulso de asa,  
o instinto de raiz.*

*A divina embriaguez  
da dança da Terra,  
planeta qualquer  
girando à toa  
em torno do Sol,  
aspira ao espelho  
da ordem:  
tempo e astros  
rodam  
no baile perpétuo  
da vida curta.*

*A melodia se espalha  
pela luz  
que inunda as salas.*

*A harmonia brota  
do conjunto irregular das coisas,  
do talento desigual dos homens  
e dos obscuros caprichos do destino.*

# 6

*Quando chove, danço só,  
vestido de ouro, algas e escama;  
sou peixe do Açude Velho,  
navego pelo canal  
nas bandas do Buraco da Jia,  
nos tempos em que o lugar  
não se chamava Rosa Mística  
e era reduto de bandidos.  
Passo pelo Ponto-de-Cem-Réis,  
uma bicada de Rainha  
na bodega de seu Aluísio,  
defronte do posto de seu Gaston.*

*Quando chove, deslizo rápido,  
como os casais do Ypiranga,  
carregadores da feira-livre  
e empregadinhas do Alto Branco,  
forrobodó, chula e lundu.*

*Se não chove, dá no mesmo,  
patino na lama da Rua Boa,  
escapo para as bandas de Esperança  
e me escondo do amor divino  
e da fúria dos homens  
nos contrafortes da Borborema.*



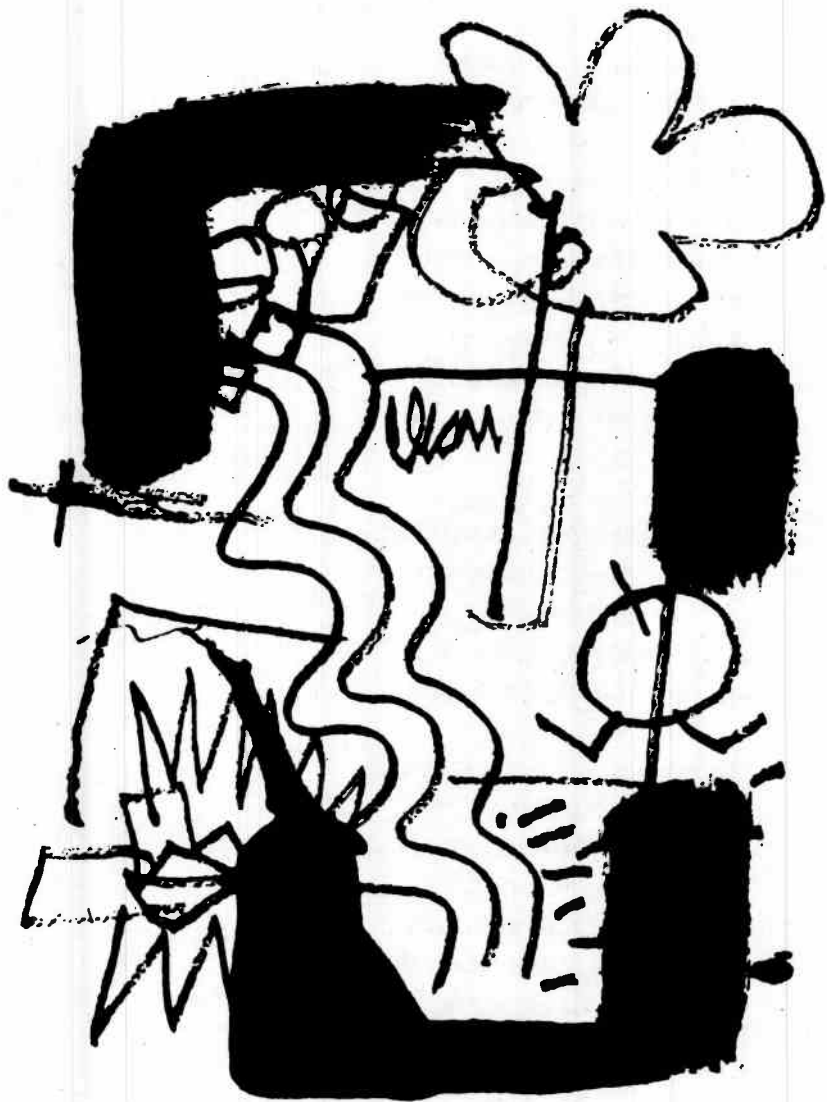
unt 92

# 7

*Nos forrós de Campina Grande,  
a celebração de bodas:  
pares se soltam,  
mas sempre voltam,  
bumerangues da Borborema.  
Como o touro na arena  
morre dentro da quimera,  
a dama se esquiva  
do braço do cavaleiro,  
mas depois se abriga  
em seu peito.*

*O casamento é consumado  
num requebro insistente,  
quadris se mexendo  
em êxtase rebarbativo,  
que nunca chega ao fim.*

*As gentes celebram sua alegria  
sem direito a pausa,  
acima de todos os limites.  
Trata-se de boda cíclica,  
espécie de vício em círculo,  
como os degraus de vertigem  
das torres da Sagrada Família.*



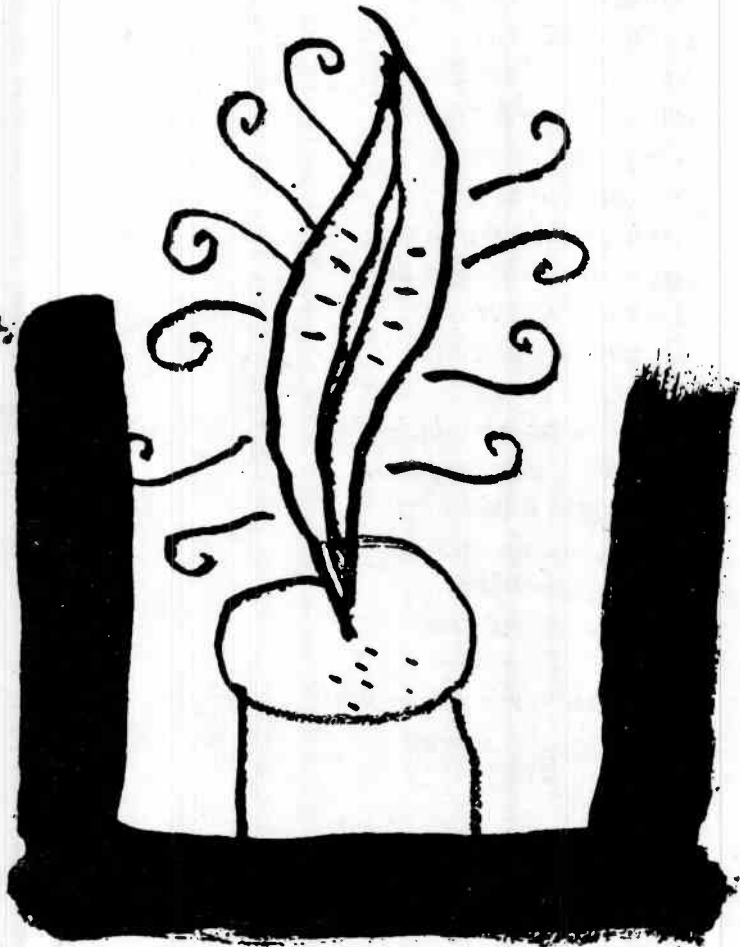
revit 92

# 8

*Jackson do Pandeiro  
e Almira Castilho  
inventaram uma dança  
que levava à loucura:  
o negrinho parava,  
a brancona vinha  
e, mirando a barriga,  
sapecava a umbigada.  
A dança misturava  
inocência e lascívia.*

*Repete-se agora o balé  
nos salões de Campina:  
nele conta o equilíbrio  
e a doçura dos gestos,  
a espontaneidade  
nascida do cálculo.*

*Este é um baile de peritos:  
a coreografia mortal  
do perene rito  
da vida.*



unit 12

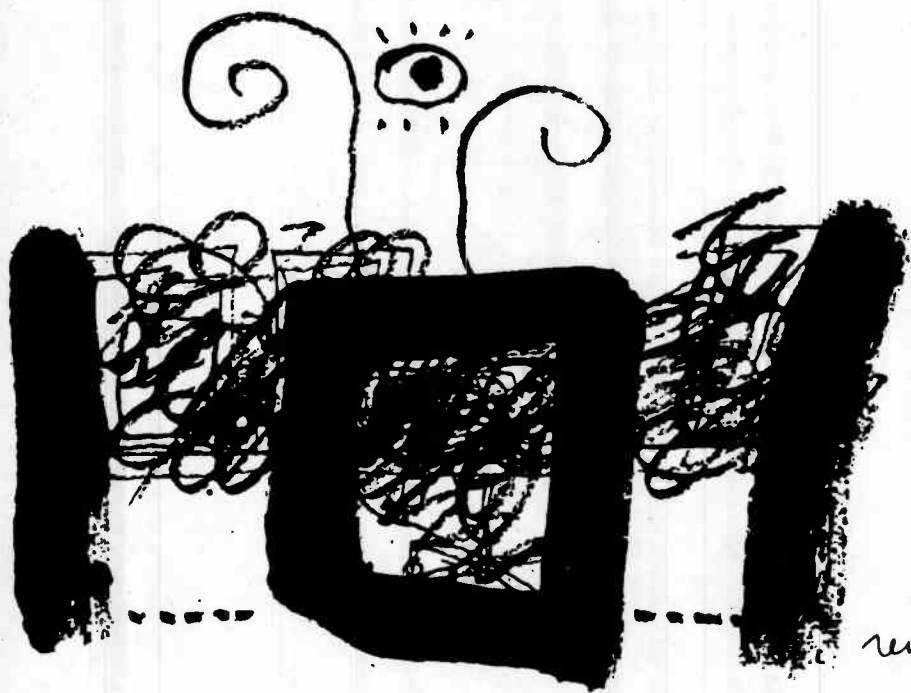


# 9

*Ontem foi amanhã  
e já será hoje  
quando eu caminhar  
para trás,  
no rumo do que deixei  
e do que me largou.  
No brilho da lembrança  
de uma imagem qualquer,  
a saudade de certo instante:  
casas, ruas e ladeiras  
escapam com o tempo,  
que as cobre de pó.*

*Cada dia repete o anterior  
de forma diferente;  
irrepetível, toda hora  
repete outras horas.  
Do berço ao túmulo,  
apenas o rio interminável  
e o banho em suas águas  
mesmas, conquanto mutantes.*

*A memória não imita  
a cidade construída:  
inventa a cidade mítica  
e a funda novamente,  
pedra sobre pedra,  
sonho sobre sonho.*

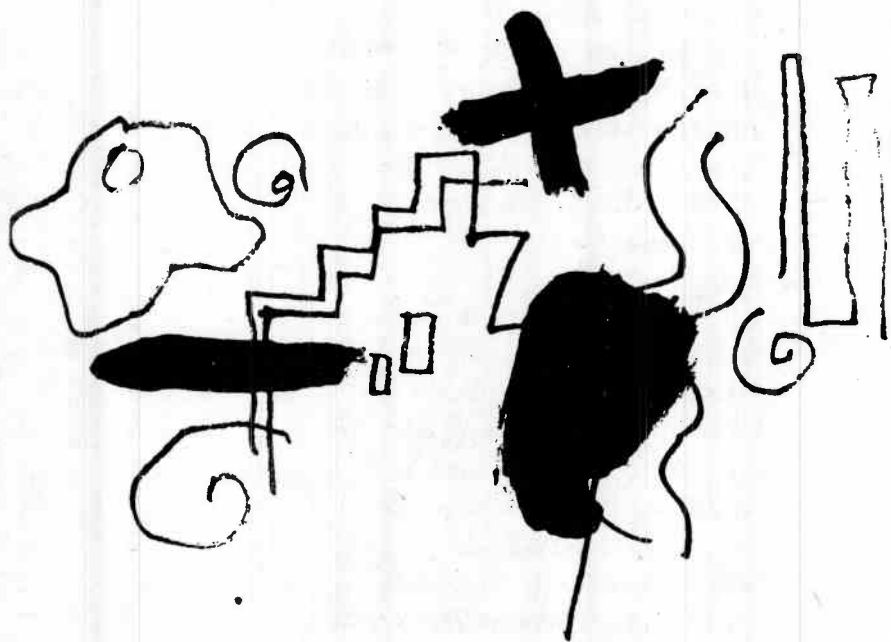


1992

# 10

*Os tropeiros da Borborema  
sonhavam, à beira do açude,  
com as vastas cidades  
das saudades do poeta  
Antônio Frederico, da Bahia.  
Em vez do estalar de relhos,  
o rangido dos bondes nos trilhos.  
Mas nunca um bonde em Campina  
que descesse a Rua Índios Cariris,  
onde se pousava na pensão  
da velha Maria Travassos.  
Na sala da frente,  
servido o jantar,  
esticados em redes fedidas,  
motoristas de caminhão,  
tropeiros de outra estação,  
sonhavam capuchos de algodão  
nos travesseiros da memória;  
os cabelos brancos da velha  
e as cidades devastadas  
pelo monóxido de carbono  
e pelo pecado do com ferro fere,  
com ferro será ferido.*

*Em todos os relógios,  
a noite cancela o tempo.*



# 11

*Pedro Pixaco usava chapéu Pelegrino  
e seu cartaz prometia:*

*“O homem que aparece e desaparece”.*

*Subia ao palco,  
saudava a platéia*

*e sumia,*

*antes que a perplexidade  
virasse agressão.*

*Mané Pé de Rotor não cobrava ingresso  
de quem lhe escutasse as mentiras:*

*havia matado doze, dezoito*

*ou vinte, perdera a conta.*

*Mas não matara ninguém.*

*Pedro Cancha vestiu um saiote*

*e deu uma volta pela Rua Maciel Pinheiro,*

*via de comércio e enamorados.*

*Ninguém sabe de onde eles vieram,*

*ninguém nunca perguntou,*

*como naquela canção mexicana*

*da Flor do Chá,*

*apelido do assassino de Trotsky.*

*Eles apenas sobem a serra,*

*bebem a água salobra de Boqueirão*

*e se fundem, suaves, na paz da paisagem,*

*como se sempre tivessem estado ali.*



# 12

*Longe da Borborema,  
o pássaro preso,  
fora da gaiola,  
canta a mesma dor  
do escritor  
perseguido pelos touros  
nas ruas de Pamplona.  
Quem a gaiola não prende  
não sabe que é livre,  
senão dentro das grades  
de desconhecer  
o além dali.  
O pássaro se desespera  
na solidão da liberdade  
e se atira à grade,  
sangue pingando  
de cada pena.*

*De que valem asas,  
se a cidade pesa  
mais que o ar,  
no lado interno do peito?  
A vida, fora,  
é presa da amplidão  
dos horizontes,  
que não abrigam  
os abismos insondáveis  
da gaiola.*

*De que serve o bico,  
senão para cantar  
a dor da traição  
da cidade adúltera,  
que por ser ancha,  
até no nome,  
jamais pertencerá  
a um homem só?*



# 13

*Cidade não há  
como Campina,  
dizia, uma vez,  
João de Carminha,  
o pistoleiro,  
que jamais havia  
saído de Campina.  
Ele sabia o que falava:  
não precisava  
sair de Campina  
para garantir  
que não havia  
outra igual,  
os mesmos puteiros  
da Curva de Zé Leal,  
idênticos caminboneiros  
na Rua João Pessoa  
e versos de pé quebrado  
bordados no silêncio  
de cimento das praças.*

*Qual Fernando, de Espanha,  
João não chamou testemunhas  
para só crer em si.  
Quando falou,  
não comparou,  
apenas traduziu  
seu robusto amor de cigano  
na miséria das palavras.*

*E cidade outra não havia  
– qual o ventre de Carminha –  
como a Campina dele,  
que só ele via  
por ser a única que vira,  
a vida toda afora.*

# 14

*Os abismos da Borborema  
escondem um mistério,  
que não dizem  
sequer a si mesmos,  
irrevelável segredo abissal,  
de que já se esqueceram.*

*Zé Jack vendia pão das Neves  
e ensinou os pulos do ritmo  
a Jackson de todos os pandeiros.  
Em Mané da Carne de Sol,  
Elba, banhada no Piancó,  
bebeu energia de estrela.  
Contando fardos de algodão,  
atirados de cima de caminhão,  
Rosil Cavalcanti,  
tropeiro moderno,  
pintou em versos  
a aquarela nordestina.*

*Esta cidade  
de meus porres  
e minhas encrencas  
era a ópera deles,  
esses visionários  
que aqui chegaram  
puxando uma cachorra*

*e, depois, partiram,  
em vôos sem escala,  
rumo à glória,  
partilhada apenas  
com os abismos sem memória  
do Planalto da Borborema.*

# 15

*Qualquer cidade  
se acha na lembrança.*

*Roma atrai  
pedras esculpidas  
na cara dos turistas  
de memória deslumbrada.*

*Chicago quer esquecer  
as noites de chumbo grosso,  
mas não se ocultam  
fantasmas de capote  
e metralhadora.*

*São Domingos permanece  
a mesma casa de Colombo,  
mas nunca expõe  
os piratas saxões  
que a violentaram.*

*Cidade-palimpsesto,  
como Bizâncio-Istambul,  
Campina Grande exhibe  
esquinas art-déco  
e podres casebres  
de pobre arquitetura,  
sem moldura de mar  
nem espelho de rio  
no qual lavar  
os pés da serra.*

*Vale pelo conjunto,  
jamais pelo detalhe.*

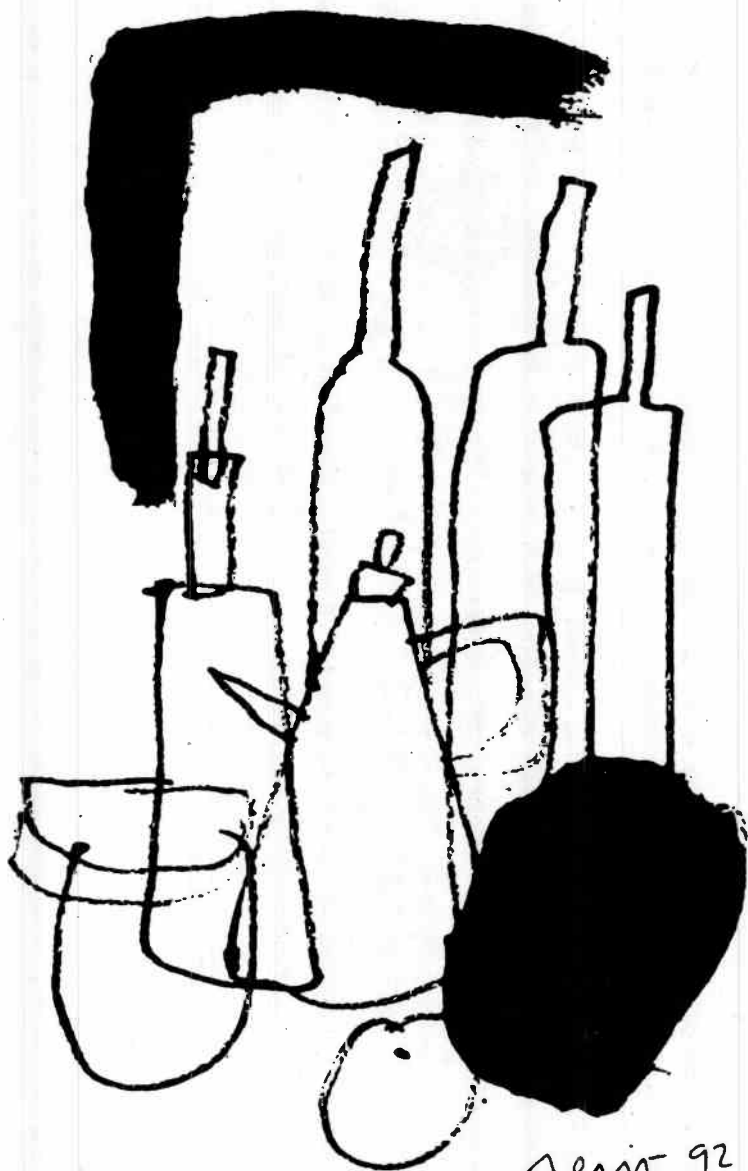
*É fácil encontrar  
esta cidade,  
difícil é dela se perder,  
pois logo se cai em outra,  
que, diversa,  
há de ser a mesma.*

# 16

*Casa sem cautela  
da juventude rebelde,  
esta cidade é o princípio  
de todos os movimentos.*

*Aqui a dançarina monta no cavalo,  
antes de conquistar Fagundes Varella.  
Aqui, Galileo Galilei insiste:  
"Eppur si muove!", perante a Inquisição.  
Castro Alves suspira por Eugênia Câmara  
nos bastidores do Municipal.  
Giordano Bruno se deixa queimar  
na fogueira de São João de Maria Garrafada,  
na Rua Pororoca, sem número,  
endereço do aprendizado  
do sexo com ou sem amor.  
Um transeunte ignoto  
pede licença a Lord Byron,  
apóia o revólver no ombro do poeta  
e fulmina o garçom do Corisco,  
que serve a melhor cabeça-de-galo  
do País.  
Aqui Humberto de Campos,  
que não nasceu no Maranhão,  
veste a camisa do 13 Futebol Clube.*

*Roy Rogers e Silver  
no pó de todas as lembranças:  
o plano paralítico  
deste cauto castelo  
da maturidade conservada.*



serit 92



# 17

*O inexistente Ricardo Reis  
também fez seu périplo  
por Campina Grande,  
a outra, que não fundei  
nem Gaudí desenhou.  
A Campina onde Gades não nasceu,  
pois não se fez Elda,  
província de Alicante.*

*O lírico dormiu  
no Hotel Majestic.  
Antes, na Unidade Moreninha,  
dançou fandango  
com uma puta  
que se dizia holandesa,  
mas nasceu em Currais Novos.  
Na urbe rasa,  
sobre colinas,  
tomou sorvete rainha  
(de castanha de caju)  
na Sorveteria Pingüim.  
E trouxe pinga Rainha  
num reservado especial,  
onde Mariquinha dá, de graça,  
tira-gosto de cajá.  
Na vila, de casas térreas construída,  
lutou com uns bambas do Ligeiro,  
tudo armado de punhal.*

*Pois foi aqui  
na Rosa Mística da Borborema,  
onde não florescem magnólias,  
que verdadeiramente  
o inexistente inexistiu.*

# 18

*Histórias da Borborema:  
o barulho sedicioso  
do Ronco da Abelha  
e a bela Kalina Lígia  
na fila do Capitólio;  
a revolta dos matutos  
contra o sistema métrico decimal  
e o mate espumante de Sousa da Pipoca;  
os americistas mortos  
no comício da Praça da Bandeira  
e Silvinha de Alencar,  
a estrela do meio-dia.*

*Uma e outra Borborema,  
impregnadas de eternidade:  
a permanência do combate  
do republicano Irineu Joffily  
e a vaia no soldado negro,  
na algazarra do Cine Babilônia;  
os carnavais de Neco Belo,  
que não voltam mais,  
e o papo de Zé Romão,  
que ninguém sabia onde morava.*

*A Borborema dos livros de História  
e a Borborema sem literatura.  
Pelo exílio do poeta,  
as duas se inscrevem  
em pleno tempo mítico,  
os escaninhos  
da desmemória perdida.*



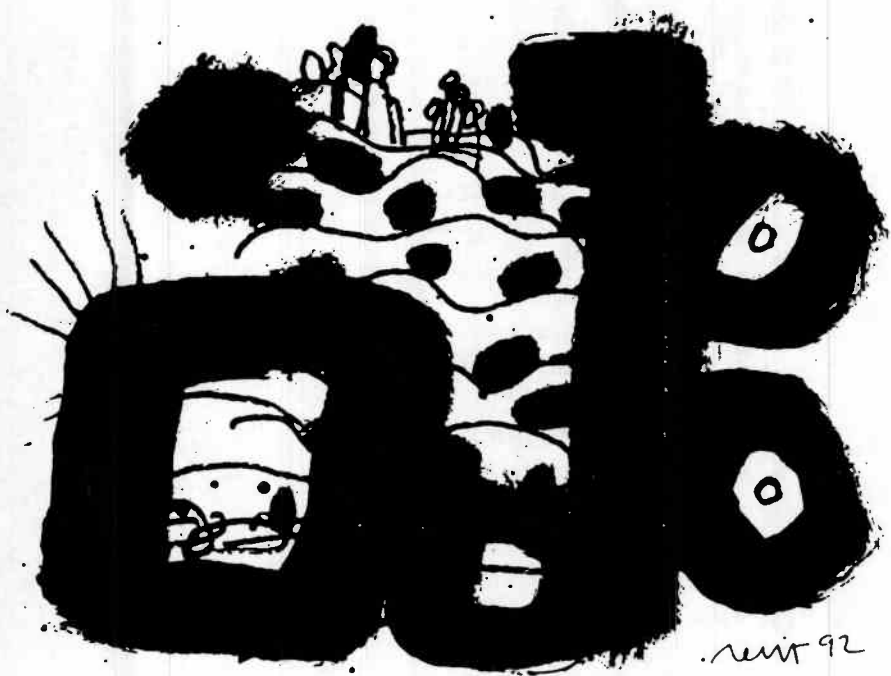
# 19

*Nos anos 60,  
seguimos a trilha de Elvis  
nos bares de Santo Antônio.*

*Em Los Tronquitos,  
perto do Açude Velho,  
Lennon nos ensinou  
que é possível  
cada um fazer  
do prazer direito  
ou revelação:  
revolução!*

*Na penumbra do Uisquisito,  
perto da estação rodoviária,  
McCartney nos levou  
ao caminho da solidão,  
inclusive a da nudez.  
Entre garapinhada e pingado,  
na Sorveteria Flórida,  
o garçom Espanha nos serviu  
palavras de Chuck Berry,  
pois na vida não há vias,  
apenas pontes  
de se cruzar a si mesmo.  
Na Rua Cardoso Vieira,  
esfregamos na cinza  
as bandeiras da liberdade,  
que nos arrastaram à tirania.*

*Nos anos 60,  
enforcamos o sonho  
nos postes  
da Rua Venâncio Neiva.*



## 20

*Venceu o nome do sonho  
e não o rosto da vila.  
Tudo era só, no mundo,  
começo e juventude:  
a cartola do Cisne Lanches,  
as peladas no São José,  
a valsa de Pixinguinha  
no éter vago da Caturité.  
Zé Apolo passava a baqueta  
na persiana de Zé Garçom,  
em noites da Rua João Pessoa  
e suas casas assombradas,  
povoadas pelo sono das autopeças.*

*Na Praça Clementino Procópio,  
o primeiro beijo.  
Na Rua Rui Barbosa,  
longe de Haia e atrás de Deus,  
os primeiros versos.  
No Hotel Ouro Branco,  
erguido sobre  
a sede sólida da infância,  
o primeiro orgasmo.*

*Em seis anos,  
uma vida inteira  
na travessia do Bodocongó,*

*a cavalgada imaginária  
pelo amplo planalto dos Ariús,  
subindo a Serra do Bodpitá,  
caçando tudo o que ainda é  
só, no mundo,  
começo e juventude.*



# 21

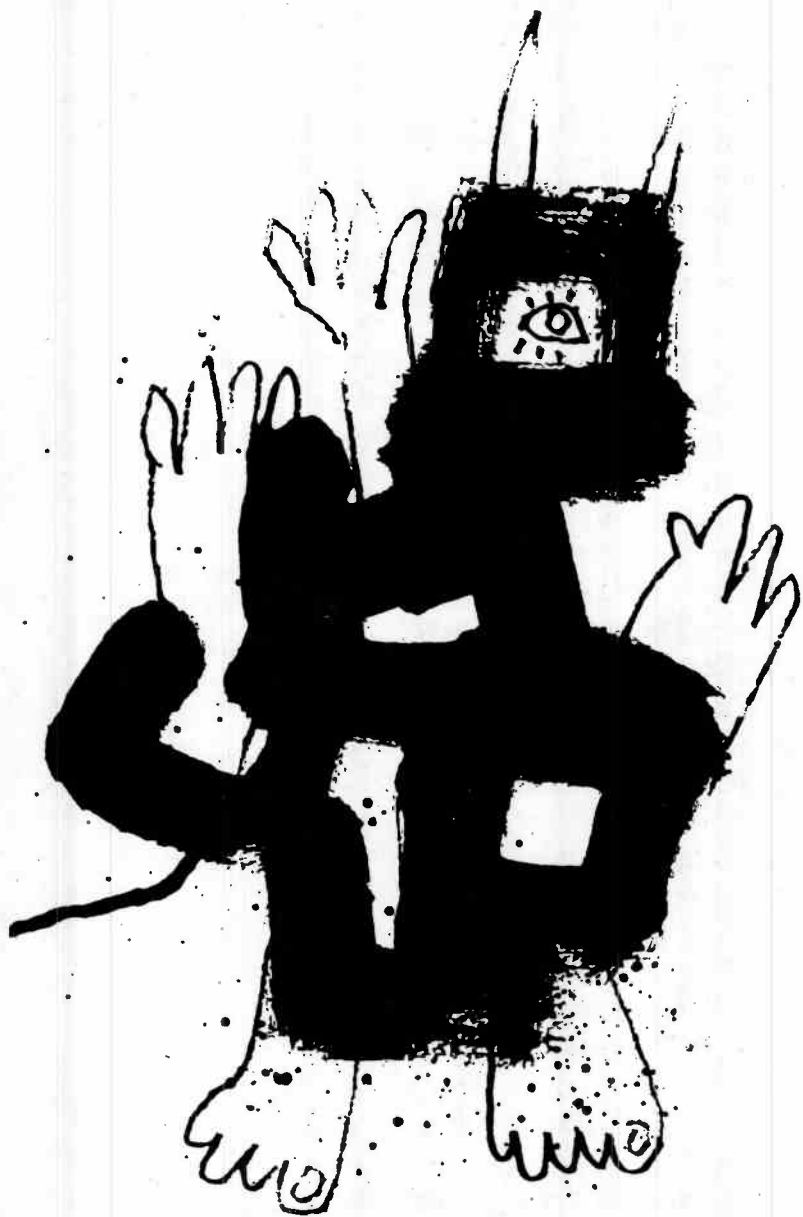
*Agora, que volto já de tantas coisas,  
preciso aprender  
que desta cidade ninguém parte,  
pois a Campina só se chega,  
sempre.*

*Quando você navega no vapor Natchez,  
embarca na Jackson Square  
e desembarca no Açude Novo,  
que nem água tem mais.*

*Se você cruzou o Muro de Berlim,  
em plena Guerra Fria,  
na estação de Alexanderplatz,  
acabou tomando sorvete de graviola  
na Praça da Bandeira  
cagada de pombos.*

*O bondinho do Pão de Açúcar  
tem um ramal que desemboca  
no bairro de José Pinheiro.  
Todas as viagens do mundo  
terminam no Alto do Serrotão.*

*O Expresso do Oriente  
pâra na estação ferroviária,  
hoje Museu do São João.  
Dela não partem trens,  
pois para cá só se volta  
de todas as coisas,  
do pão que o diabo amassou  
ou do maná caído do céu.*



## 22

*Tentei desistir de ti, Borborema,  
mas desistir como,  
se em teus templos,  
invadidos por vendilhões,  
vivem deuses venerados  
por meus pais,  
e se a casa,  
saqueada por salteadores,  
é o único abrigo  
de meus filhos?*

*Só em tuas ruas, Borborema,  
minhas rugas são sinais  
de juventude  
e posso achar no lixo  
de tuas praças  
as últimas migalhas  
de esperança.*

*Insisto, Borborema,  
porque esta é minha gente,  
é aqui meu lugar.  
Se a mim cabe o pão  
que o diabo amassou,  
com quem mais  
partilhá-lo?  
É por este orgulho  
que nos identificamos,  
e impossível é conviver  
sem ti.*



# 23

*Petra, na Jordânia,  
a cidade sem portas,  
esculpida na montanha,  
oculta templos em grutas  
e tumbas nas salas de jantar.  
O Planalto da Borborema  
se encontra marcado  
em cicatrizes da pele,  
um mapa de tatuagens  
em cada recanto do corpo.*

*Chega-se a Petra  
no lombo dos camelos,  
ali beduínos vendem  
moedas que não circulam  
e enigmas sem solução.  
A Borborema se chega  
pela trilha das pedras  
atiradas por quem  
na poeira da madrugada  
se perde da anatomia do caminho.*

*Em Petra, não há esquinas,  
somente o footing dos mortos,  
o mercado da memória,  
as praças sem povo  
e os pecados da ilusão.*

*Na Borborema, de nada um pouco,  
sonhos pisados nas calçadas,  
prantos escorrendo nas sarjetas,  
as ruas brancas da infância  
plantadas na palma da mão.*

## 24

*Estou irremediavelmente condenado  
a amar minha pobre província,  
estas ruas desesperadamente estreitas,  
esta lama nas sarjetas;  
estas casas sem jardim nem luxo;  
os botequins imundos,  
onde bebi cachaça  
com caldo de peixe.*

*Esta cidade não tem  
Picasso nas esquinas  
como a Chicago sem Capone.  
Esta Vila Nova da Rainha  
não a banha o Douro  
como a serena Porto.  
Esta Serra da Borborema  
não contorna o oceano  
como a cordilheira, em Santos.  
Mas esta terra  
não saberá mentir,  
seja para aqueles  
que não nasceram aqui,  
seja para outros tantos  
que a traíram,  
na busca da fortuna  
não escondida nas lajes  
da Lagoa da Milhã.  
Esta serra não trai*

*quem abriga  
nem esconde o leite  
dos filhos que sequer  
nasceram de seu ventre.*

*Aqui não tive berço,  
terei, acaso, ressurreição?*



# 25

*No topo da Borborema,  
a cidade se compõe  
de cabeça, tronco e membros.*

*O cérebro engarrafado  
dos poetas e tribunos  
(Ronaldo, Raimundo),  
profetas e loucos soltos  
(Carboreto, Biu do Violão).*

*O peito de aço  
dos robôs da Politécnica  
e o ventre maciço  
de alguns mascates.*

*Mãos habilidosas  
de mecânicos e artesãos,  
da cartomante Natinha,  
do pistoleiro da Carminha  
e dos catadores de algodão.*

*Milhares de pés  
da centopéia do forró,  
músculos de bailarino  
e asas no mocotó.*

*Geografia de açudes,  
história de rebeliões,  
epopéia de fanfarrões,  
anatomia de vielas,  
matemática de feira-livre,  
gramática de precisão.*

*No topo da Borborema,  
a cidade se divide  
em começo, meio e fim.  
No princípio, o verbo;  
no meio, a vida toda;  
no fim, a solidão.*

## A INVENÇÃO MÍTICA DA CIDADE

*Mário Chamie*

A cidade é um espaço mítico. Nenhuma cidade é mais privilegiada do que outra, nem acumula maior prestígio, se a luz do mito brilha nos olhos dos que a entreveem e na memória dos que a reconstroem.

À luz do mito, nenhuma cidade difere da outra, todas são iguais, nenhuma é tudo, nenhuma é nada. Todas abrigam o seu sortilégio e dissimulam os seus labirintos. O que Fernando Pessoa disse sobre os castelos pode e deve ser dito sobre as cidades:

*O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo.*

É essa escavada igualdade subterrânea, é essa conciliação dos inconciliáveis, é essa busca de uma essência congênere que faz de Roma o nome em que soletramos, de trás para diante, todos os caminhos que levam ao Amor. Em outras palavras, o espaço mítico de todas as cidades reais, recriadas imaginariamente, só se tornam visíveis e legíveis se o discurso que as enuncia carrega, no seu fluxo, as três imagens poéticas: a da igualdade escavada, a da conciliação de inconciliáveis e a da leitura de trás para diante ou vice-versa. Palimpsesto, oxímoro e palíndromo são, em seu ar cabalístico, as denominações das três imagens retóricas.

Na poesia brasileira, essas três imagens centrais tiveram e têm os seus discursos materializados em linguagens singulares e autônomas. Para cada uma delas, algum texto exemplar ganhou foro de experiência e realização. João Cabral, em *Psicologia da Composição*, com o palimpsesto de sua concebida Tebas, evocou, através de Anfion, o deserto inscrito e perdido da cidade:

*Entre Tebas, entre  
a injusta sintaxe  
que fundou, Anfion,*

*nas, ainda possíveis,  
secas planícies*

*da alma, Anfion,  
ante Tebas, como  
a um tecido que*

*buscasse adivinhar  
pelo avesso, procura  
o deserto, Anfion.*

Jorge de Lima, nos trilhos dos paradoxos e das antíteses de *Invenção de Orfeu*, outorgou a Orfeu a invenção maior dos oxímoros que lhe permitiram aproximar ilhas invisíveis ou consubstanciar, numa só unidade, lugares remotos e seres antagônicos. Nessa consubstanciação, *mel é fel*, cavalos são anjos do bem e do mal e, na figura de um cavaleiro andante de imaginação mítica, faz-se a anunciação de todos os contrários unificados:

*Há cavalos noturnos: mel e fel.  
O cavalo que vai com Satanás  
e o cavalo que vai com São Miguel.  
O cavalo do santo vai atrás.*

*E vai na frente a azêmola cruel.  
Mas vão os dois e cada qual com um ás.  
No cavalo da frente o atro anjo infiel  
com façanhas de guerra se compraz.*

*São Miguel de la Mancha, D. Quixote,  
Garcia Lorca viu-te, vejo-te eu  
na luta igual com o ás da negação,*

*arremeter com lança em riste e archote.  
E ao fim de tudo há um anjo, que venceu:  
Tu, D. Quixote da Anunciação.*

O palíndromo, por sua vez, tanto pode estar numa imensa obra poética quanto nas letras espelhadas de um nome. Pedro Nava espelha esse nome na palavra Roma:

AMORA ROMÃ  
AMOR A ROMA  
AMOR AROMA  
AMOR A ROMA

*Barcelona, Borborema* – de José Nêumanne – se inclui, exatamente, nessa tradição da tríplice figura. Sem ser o escudeiro da triste anunciação, encarnada no D. Quixote de Jorge de Lima, Nêumanne realiza a façanha de *escavar* como a Anfion, de João Cabral, e de soletrar como Pedro Nava as letras refletidas de outros nomes em outras paisagens. Se, nos três poetas referidos, lugares ou cidades míticas são textos completos, em José Nêumanne, *Barcelona* e *Borborema* são cenários abertos e intertextuais, onde confluem memórias próprias, citações alheias, referências e comentários alusivos em meio a retalhos inconscientes de sonhos.

Na verdade, a serra de Borborema que espande na cidade de Campina Grande (Paraíba) é sim, sob formas de paisagens e figuras, uma transferência onírica da *Barcelona* íntima que o poeta descobriu, um dia, contemplando o desenho, a arquitetura e o delírio de Gaudí. Esse contrapor, à luz do mito, geografia, situações e movimentos de um lugar e de outro constitui um jogo de similitudes e comparações em que o diferente é sempre igual, numa prova de que o mito é tudo e nada ao mesmo tempo. Não foi isto que fez João Cabral no seu *Paisagens com Figuras*? Neste livro do poeta pernambucano é dominante e reveladora a simetria do confronto e da fusão. *Paisagens com Figuras* conta com dezoito poemas, – oito dedicados a temas pernambucanos, nove

a temas espanhóis e um intitulado “Duas Paisagens”; este último resume, por meio de uma busca arqueológica inusitada, a identidade virtual das coisas de lá e de cá. A simetria, de extrato arqueológico, comparece logo nos dois primeiros poemas do livro. Um, de temática pernambucana (“Pregão Turístico do Recife”), registra:

*Aqui o mar é uma montanha  
regular redonda e azul,  
mais alta que os arrecifes  
e os mangues rasos do sul.*

O outro, de temática espanhola (“Medinaceli” – supostas terras do autor de Mio Cid), indica:

*Do alto de sua montanha  
numa lenta hemorragia  
do esqueleto já folgado  
a cidade se esvazia.*

No caso do livro de José Nêumanne, o poeta, ao transpor, não a montanha, mas a serra da Borborema, abraça com os olhos e com a emoção a cidade de Barcelona. Se João Cabral deixou-se seduzir por figuras como Joan Miró, Juan Brossa (poeta frugal), Miguel Hernández (hortelão de Orihuela), ou Enrie Tormo (artesão da Catalunha), Nêumanne se deixa tomar pelas mãos e pelos traços do universo arquitetônico de Gaudí (da Sagrada Família ao Parque Güell ou à Casa Milá), fascinado pela decifração quase anagramática das pedras, paixões e sons contidos na ressonância vocálica que a parelha Barcelona/Borborema, Borborema/Barcelona provoca.

Seguindo – de Gaudí – as rotas, as linhas, as curvas, as abóbadas, as florações orgânicas, os emaranhados vegetais e o animismo das fugas místicas de portas, janelas, torres, quinas, ângulos e jardins, Nêumanne desvenda a natureza visceral de

uma cidade através de gestos, pessoas, ancestralidades e lugares de outra. Com o seu guia e caminhando pelo “espaço sólido”, mas de flutuante arquitetura nas “ondas, ramblas, rios” ou “muros e palmeiras” de Barcelona, o poeta de Campina Grande sinaliza a múltipla convergência de sua própria mitologia pessoal:

*Numa tarde de Barcelona,  
tarde também na Borborema,  
vertia uma gota de sangue em cada poema.*

Em sua celebração, essa mitologia, interposta na múltipla convergência do texto, reúne (a exemplo de Mário de Andrade citado – *Há uma gota de sangue em cada poema*) todos os construtores de espaços utópicos, sejam cidades de casas e templos, sejam cidades idealizadas para a redenção estética do espírito humano deste livro, vozes de outros poetas e de outros arquitetos de palavras (desde Yeats, Garcia Lorca, Borges, Eliot, Proust, Heráclito de Éfeso, Pessoa, Drummond até Zé Limeira ou Mané Caixa d'Água) atendem ao chamado intertextual de José Nêumanne. Todos sabem que, neste convívio imaginário,

*a memória não imita  
a cidade construída,  
inventa a cidade mítica  
e a funda novamente,  
pedra sobre pedra,  
margem sobre margem,  
sonho sobre sonho.*

Transponhamos, pois, as serras das nossas Borboremas interiores e alcancemos a Barcelona epifânica de Gaudí que, por sua vez, já é a invenção mítica de uma outra Capadócia nunca visitada.







**DAG GRÁFICA E EDITORIAL LTDA.**  
Av. N. Senhora do Ó, 1782, tel. 857-6044  
**COM FILMES FORNECIDOS PELO EDITOR**  
Imprimlu

fervor do amante atento e não pelo  
flanar curioso do turista; fervor do  
poeta capaz de ver que “nas naves  
sem fim/ de suas igrejas/  
reverberam árias/ de todas as  
óperas./ Os solos de Gaudí/ são  
catedrais “imensas”.

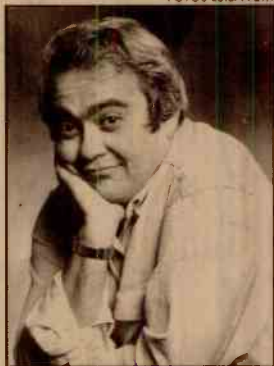
Mas essa estesia apaixonada  
encobre um vínculo de outra  
espécie, que une o poeta, não à  
cidade de eleição mas à cidade  
natal: “céu azul de Gaudí,/ céu  
rubro na Borborema”. Ali “Antoni/  
arquiteto eterno/ do Parque Güell”;  
aqui “Antônio,/ pedreiro anônimo/  
arquiteto bárbaro/ da Borborema”.  
O contraste é aliciante e a segunda  
parte do livro conduz àquele  
manancial de evocações afetivas,  
aos lances pitorescos e ao tom  
autobiográfico, latentes na  
primeira. Com isso, fecha-se  
harmoniosamente o díptico – a  
dupli-cidade de José Nêumane –  
e Campina Grande ganha em magia  
e transfiguração: “Pois aqui/ na  
Rosa Mística da Borborema,/ onde  
não florescem magnólias,/ que  
verdadeiramente/ o inexistente  
inexistiu”, como ponteia o poema-  
homenagem a Ricardo Reis.  
Gertrude Stein: “America is my  
country and Paris is my home  
town”. Nêumane não chegaria a  
tanto, mas Barcelona ocupa sem  
dúvida um lugar privilegiado  
naquela sua geografia pessoal que  
nenhum mapa registra.

*Carlos Felipe Moisés*

FOTOS LUISA PETIT

**Barcelona, Borborema** é

um jogo: surpreendente e emocionante. De um lado, a dicção do cantador, trazendo à presença do leitor a tessitura das relações arcaicas que o sertanejo tem com a sua terra e os seus. O barroco em sua voz, mais do que na arquitetura do sertão. De outro, um texto poético agudamente crítico, onde José Nêumanne registra o impacto da descoberta de novas raízes ibéricas pela obra do gênio catalão. Nesse concerto de palavras,



**José Nêumanne Pinto**

o ponto e o contraponto ora promovem uma viagem física desde o nordeste até o leste espanhol, ora nos levam para as mais fundas tradições. Nas veredas desse exercício lingüístico, somos lançados de uma fatura atual, exata e pós-moderna para uma forma revitalizada da fala do violeiro. Evidenciando que o fim da modernidade, ao derrubar os muros que segregavam os modos de fazer, dá liberdade de trânsito aos poetas.



**Francesc Petit**

Álvaro de Sá  
Poeta e crítico



GERAÇÃO EDITORIAL